



Universidade de Brasília

**Faculdade de Ciências da Saúde**  
**Programa de Pós-Graduação**

---

# **O que é a sexualidade humana?**

Eduardo Ravagni

Brasília  
2007

# **O que é a sexualidade humana?**

Eduardo Ravagni

Brasília  
2007

Ravagni, Eduardo

O que é a sexualidade humana? / Eduardo Ravagni – Brasília, 2007.

91 páginas.

Bibliografia: p. 89

Orientador: Elioenai Alves Dornelles

Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde.

1. Sexualidade.
2. Desenvolvimento.
3. Afetividade.
4. Identidade Corporal.

Eduardo Ravagni

# **O que é a sexualidade humana?**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, para a obtenção do grau de Doutor em Ciências da Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Elioenai Alves Dornelles

Brasília  
2007

Eduardo Ravagni

# O que é a sexualidade humana?

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, para a obtenção do grau de Doutor em Ciências da Saúde.

Brasília, maio de 2007

## BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elionai Alves Dornelles  
Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Dirce Guilhem  
Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Maria Rosa Abreu  
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Maria do Socorro Nantua Evangelista  
Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília - UnB

---

Profa. Dra. Berenice Bento  
Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília – UnB

---

Profa. Dra. Neide Maria Gomes de Lucena  
Centro de Ciências da Saúde, UFPB

---

À Leda, gestora de minha sexualidade, e aos frutos  
dessa relação significativa, Valentina e Maurício, meus  
filhos que eu amo.

## AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que me fizeram crescer na vida. Algumas já se foram, outras mudaram de rumo, outras continuam presentes. A estas e àquelas, devo agradecer pelo que sou: homem feliz, realizado em minhas aspirações profissionais, cheio de sonhos e de planos. Dessa forma, por ser como sou, teria que agradecer a muitos e, certamente, arriscaria esquecer alguns. Assim, decidi agradecer apenas àqueles que, de uma ou de outra forma, ajudaram a construir esta tese.

Agradeço a Elioenai Dornelles Alves, pela sua forma de ser e de orientar esta tese. Sincero, brincalhão, amigo, disposto a ajudar a qualquer hora. Um ser humano singular que soube me orientar e aconselhar, dentro e fora do projeto idealizado.

Agradeço, também, a meu amigo-irmão, Eliano de Freitas Pessoa, fisioterapeuta, como eu, que sempre soube me fazer repensar os fatos que analisava, dando sentido ao meu esforço e me encorajando, quando o cansaço despontava.

Também agradeço a minha amiga de sempre e de todas as horas, Maria Rosa Abreu. Ela soube me apoiar e me dar coragem nos momentos mais difíceis, quando o tempo era inimigo desta tese.

E, agradeço, sincera e espontaneamente, a minha colega, amiga e ombro, no qual me apóio, quando declino em minhas forças. Neide Lucena sempre foi e sempre será o motivo de vários questionamentos e ensinamentos na minha vida.

E, não poderia deixar de agradecer a minha amiga Terezinha Galhardo que, com muita paciência e carinho, formatou este trabalho.

Assim, agradecendo, agradeço nas palavras de Mario Quintana, àquele que, como ele fala, - nos faz repensar a sua e a nossa existência, isto é, **“Não importa saber se a gente acredita em Deus: O importante é saber se Deus acredita na gente. . .”**

**Por isso, pensando que ele sempre acreditou em mim, eu também agradeço!**

Ravagni, Eduardo. *O que é a sexualidade humana?* Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

## RESUMO

O presente estudo analisa os modos pelos quais a sexualidade humana se desvela como objeto de conhecimento do pesquisador, no intuito de poder iluminar a trilha conceitual pela qual ele transita ao longo de 30 anos de atividade terapêutico-docente. Para desenvolver este estudo, buscou-se na psicanálise e no trabalho de alguns autores, que têm problematizado a sexualidade, direta ou indiretamente – por meio da relação existente entre o desenvolvimento humano, a afetividade e a identidade –, a interligação epistemológico-conceitual que permite compreender o fenômeno da sexualidade humana. A psicanálise não forneceu um modelo rígido e fechado de etapas e procedimentos, porém deu sentido ao caminhar. Dessa forma, o objeto de estudo foi paulatinamente compreendido na medida em que foi sendo circundado o espaço da sexualidade por meio de três estudos que epistemologicamente se interligam e complementam. O primeiro trabalho analisa as idéias centrais de algumas teorias sobre a ciência do desenvolvimento humano que, direta ou indiretamente, permitem a compreensão de algumas questões relacionadas com a sexualidade humana. O segundo estudo abre espaço à análise das mensagens que, a partir dos conceitos desenvolvidos por Henri Wallon sobre a emoção e a afetividade e sobre o nível de importância que elas assumem no processo do desenvolvimento do ser humano, permitem ressaltar a sexualidade como elemento constitutivo da corporeidade e da experiência do pesquisador. No terceiro estudo, centrando a atenção no viés corporal, mediante a análise dos componentes que, morfo-anatomicamente e emocionalmente, definem a sexualidade no ser humano, são analisadas as questões que, ligadas aos componentes biológicos do desenvolvimento humano, permitem reconhecer as características sexuais que, sob esse viés, determinam ou facultam a masculinidade e a feminilidade. A peculiaridade de poder sentir-se dono do seu corpo brinda ao sujeito a possibilidade da sua identidade sexuada na consideração do próprio corpo como um objeto que ocupa, em sua experiência, um lugar privilegiado, revestido de

valores em relação a um Ideal de Ego por ele subjetivado. Assim, por meio da explicitação e análise dessas e de outras mensagens contidas no material bibliográfico pesquisado, nos três estudos anteriormente citados, são sugeridos aproximações e desvelamentos no sentido da sexualidade humana, respondendo ao questionar que delineou o percurso, isto é, **O que é a sexualidade humana?** Finalmente, o estudo vislumbra possibilidades de novas interrogações no escopo da inter-relação do desenvolvimento humano, afetividade e identidade corporal, na construção do espaço da Sexualidade Humana.

**Palavras-Chave:** Sexualidade, desenvolvimento, afetividade e identidade corporal.

Ravagni, Eduardo. *What is this human sexuality?* Doctor degree. Health Science School, University of Brasília, Brasília, DC.

## ABSTRACT

The present study analyzes the phenomenon of the sexuality among human beings under the light of speech of the development, the affectivity and the corporal identity, by means of three studies that if they establish connection and they complement between itself. The first one infers, by means of the analysis of content, in the central ideas of some theories on the science of the human development, which, directly or indirectly, allows the revealing of sexuality. The second study opens space to the analysis of content of the messages that, from the concepts developed from Henri Wallon on the emotion and the affectivity and the level of importance that they assume in the process of human development, they allow to stand out the sexuality as constituent element of the corporal identity. In the third study by means of the corporal bias, by means of the analysis of the components that, morphological, anatomical and emotional, define the sexuality in the human being, the referring questions to the masculinities and the feminine are analyzed. It is understood that sexuality and identity are part of one thing, all indivisible one. In it, the corporal experience is presented as articulator bias of the passage and the other as necessary bond in the determination of the sort, that joined to the biological determination, defining the sex among humanity. The peculiarity to feel owner of its body, drinks a toast to subject to the possibility of its sexual identity in the consideration of the proper body as an object that occupies, in its experience, a privileged place, coated of values in relation to an ideal of ego for characterized it. Thus, by means of the analysis of content of the messages contained in the diverse speeches analyzed in the three studies previously cited reveals some approaches and in the direction of the sexuality are suggested human being answering what it would be the sexuality human being. Finally, the study it makes possible new questions in the target of the interrelation of the human development, affectivity and corporal identity, in the construction of the space of sexuality human being.

Key words: sexuality, development, affectivity and corporal identity.

## SUMÁRIO

PREFÁCIO -----	11
INTRODUÇÃO -----	15
MATERIAL E MÉTODOS-----	24
PRIMEIRO ESTUDO ----- <b>OS CONCEITOS DE HENRI WALLON, JEAN PIAGET E SIGMUND FREUD, EM RELAÇÃO À CIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E SUA CO-RELAÇÃO NA EVOLUÇÃO DA SEXUALIDADE.</b>	28
SEGUNDO ESTUDO ----- <b>AFETIVIDADE, SEXUALIDADE E O PERCURSO CIVILIZADOR</b>	50
TERCEIRO ESTUDO ----- <b>IDENTIDADE, SEXUALIDADE, NO VIÉS CORPORAL</b>	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	87
BIBLIOGRAFIA -----	93

## PREFÁCIO

Na cultura contemporânea, na qual se superpõem, dentro de um encaixamento plural, muitas linguagens, espaços e tempos, criando diferentes modos de observar e compreender a complexa interação recíproca homem-mundo e homem-homem, a intencionalidade do olhar orienta-se no sentido do desvelamento da multidimensionalidade da condição humana.

O ser humano deve: “reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano” (MORIN 2000 p.47).

Ainda, segundo Dora Fried Schinitman: “Sentirse partícipes/autores de una narrativa, de la construcción de los relatos históricos, es una de las vías de que disponen los individuos y los grupos humanos para intentar actuar como protagonistas de sus vidas, incluyendo la reflexión de cómo emergemos como sujetos, de cómo somos participantes de y participados por los diseños sociales” (SCHINITMAN 1985 p.28)

Como expressam Morin e Schinitman, mediante a participatividade, os seres humanos tornam-se gestores da sua própria história e, dentro desse intrincado mosaico, temos plena consciência de que o saber não pode ser deslocado do contexto, uma vez que um não permanece sem o outro.

O conhecimento não nasce dele mesmo, mas ele é o fruto de uma série de eventos no qual, por alguma necessidade humana (obrigatoriamente coletiva), este teve que ser criado no intuito de poder solucionar problemas ou contingências em relação com uma realidade concreta.

Sem a minha cultura das ruas, eu não teria desenvolvido a minha cultura. Sem as minhas experiências de vida, não teria alimentado a minha cultura. Ela foi marcada pelo concreto, pelo vivo, pelo singular. Depois disso, e para sempre, minha vida, meu trabalho e minha cultura não deixaram de se alimentar mutuamente (MORIN, 1994).

Como a de Morin, a vida de outros seres humanos, dentro dos quais eu também me incluo, foi pautada pela necessidade de auto-conhecimento, isto é, pelo imperativo de querer

ultrapassar as barreiras e as pressões que regulam e reprimem, socialmente, as pulsões. Assim, as experiências cotidianas, os acontecimentos e, porque não, também as ruas, moldaram o pesquisador e o homem que hoje eu sou.

Durante minha infância-adolescência – época de transição entre a guerra do Vietnã e o desvelar de novos padrões de conduta sexual, no Brasil e no mundo, no qual a liberdade do corpo constituía uma exigência “revolucionária” – passei a questionar minha essência: quem era eu dentro dessa gama de signos nos quais, Marlon Brando, Leila Diniz, Caetano Veloso, Os Beatles, os Rolling-Stones e a famosa Garota de Ipanema, apenas salientando meus “ídolos”, orientavam o olhar para uma nova forma de Ser e de estar no mundo?

Como muitos outros adolescentes eu também alimentava fantasias. Fantasias sexuais que serviam e servem de inspiração, relaxamento e diversão e por meio das quais a vida sexual ganha a necessária liberdade que alimenta os sonhos.

Assim, vivi minha infância e percorri minha adolescência, colocando face-a-face os preceitos sociais que regem a vida sexual, por meio da introjeção dos desejos e a procura constante da liberdade do impulso, no espaço da autocoação que dava forma ao recalque.

Luta incessante a minha, como também a de outros seres humanos, no intuito de poder compreender uma época que exigia determinada forma de entender e ver a sexualidade.

Assim, andei pelas ruas, subi e desci muitas escadas, conheci muita gente. Gente que me fez crescer, que me ensinou o sentido da vida, fazendo-me repensar a essência e a existência de mim mesmo. Existência baseada ou fundamentada, como a de muitos outros sujeitos, na procura da identidade sexuada.

Quem sou? Como sou? Como os outros me vêem? Constituíam e constituem, ainda, questionamentos cotidianos, na tentativa de reafirmar os padrões que a época determinava e determina. Algumas vezes me identifiquei nos fatos; outras, rejeitando experiências, canalizei o instinto, moldando meu corpo a cada situação vivenciada.

Foi meu corpo que deu sentido à experiência e que conformou o espaço significativa da tentativa de auto-afirmação e de auto-educação.

No meio desses e de outros dilemas, descobertas e coações, cheguei a Paris: fisioterapeuta, recém-formado, contestando a profissão na sua modalidade mecanicista de entender a relação – terapeuta-paciente – a partir das leis da biomecânica. Assim, comecei a percorrer novos caminhos, a procura de outros conhecimentos.

Junto à Psicomotricidade, num primeiro momento, e à Psicanálise após, enfrentei a necessidade de compreender o ser humano por meio das suas realizações, no espaço das ações individuais e coletivas, já que entendia que movimento e emoção compunham um só fenômeno, em que o imperativo de agir e representar indicava nova abordagem terapêutica.

Dessa forma, passei a entender que:

- o corpo, além de uma suposta máquina, pré-estabelecida geneticamente, também constitui o pivô da relação e da comunicação com o Eu, com o Outro e com o mundo.
- o gesto e a palavra dão sentido à vida, uma vez que os corpos não existem fora da linguagem, seja ela mímico-gestual ou verbal.
- o conhecimento só se torna possível na medida em que ele se desdobra na experiência corporal imediata, isto é, por meio da realização motora.
- é o movimento que, de forma praticamente imperceptível, faculta o conhecimento e a existência do ser humano na simultaneidade de ações que ele viabiliza. Fazendo recair o conhecimento não apenas sobre as relações entre os fatos, porém sobre as coisas mesmas, oportunizando a individualização e a particularização da experiência vivida.

Caminhos, percursos, experiências, acontecimentos que, por meio da necessidade de esclarecimentos que o domínio de minha corporeidade exigia, oportunizaram um novo campo de estudo e pesquisa. Como poder educar a partir do corpo e das suas propriedades? Esse questionar impulsionou uma nova perspectiva de vida, desafiando-me diante da perspectiva educacional.

As ciências da educação despontaram assim no meu percurso, como uma nova possibilidade a ser desvelada: Como ensinar? Que coisas ensinar? Como juntar ou anexar

os conceitos das ciências da educação aos das ciências da saúde? Constituíram as novas propostas dessa outra fase de minha vida, quando me tornei Licenciado em Ciências da Educação, na polêmica e revolucionária Universidade de Vincennes, Paris VIII.

Entendendo que as manifestações científicas, culturais e terapêuticas encontram-se ligadas aos conceitos emergentes que determinam formas não lineares de compreender os fenômenos, abracei a fenomenologia e concluí meu mestrado em Psicologia da Educação, junto a Maria Aparecida Bicudo, na Pontifícia Universidade de São Paulo.

Trajetória sucintamente relatada que me coloca, hoje, no viés do presente trabalho, isto é, o de poder explicitar o que é a sexualidade humana, por meio da oportunidade que a psicanálise brinda nesse campo de estudo, e no confronto elucidativo do conteúdo das idéias centrais de três doutrinas, que partem de certo número de bases comuns e que, como expressa Ajuriaguerra, (1985, p.53):

Elas têm cada uma suas características originais; por vezes, elas se complementam, outras vezes, com formulações diferentes, elas se aproximam, mas, muito freqüentemente, elas se opõem, apesar dos esforços de alguns para encontrar, a todo custo, um “compromisso”.

Surge ou desponta, assim, esta tese de doutorado que não pretende abordar todas as concepções metodológicas que estudam a Sexualidade Humana, porém que aponta um caminho, uma trilha pela qual acredito transitam muitos seres humanos, na tentativa de poder desvelar a essência da sua própria vida, isto é, o da sua identidade sexual.

Assim, pretendo que, ao longo deste trabalho, a Sexualidade, manifestando-se no espaço específico do ser humano, apareça na condição de fenômeno, mostrando-se, para que eu possa percebê-lo e compreendê-lo, por meio das possibilidades viabilizadas pela análise das mensagens de alguns discursos que, sobre esse tema, tive a oportunidade de pesquisar.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o fenômeno da sexualidade humana à luz dos discursos do desenvolvimento, da afetividade e da identidade corporal por meio de três estudos que se interligam e se complementam epistemologicamente.

### **O primeiro – Os conceitos de Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, em relação à Ciência do Desenvolvimento Humano e sua co-relação na evolução da sexualidade.**

Procura possibilitar a compreensão da sexualidade humana, sob o viés conceitual da psicanálise, por meio da análise das mensagens encontradas nas teorias sobre a ciência do desenvolvimento humano, desenvolvidas por Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, na tentativa de chegar a responder a indagação que orienta o nosso percurso, isto é: O que é a sexualidade humana? O estudo analisa, por meio de pesquisa qualitativa, os conceitos explanados por essas e outras teorias, confrontando o que os fatores genéticos, biológicos e emocionais determinam em relação à sexualidade e o que cada sujeito elabora como identidade sexuada, ao longo do curso de vida, na tentativa de poder visualizar esse fenômeno, livre de imposições e/ou rotulações de classe, gênero ou opção sexual.

O segundo estudo – **Afetividade, Sexualidade e o Percurso Civilizador** – abre o espaço conceitual à análise das mensagens que, a partir dos conceitos desenvolvidos por Henri Wallon, sobre a emoção e a afetividade e sobre o nível de importância que elas assumem no processo do desenvolvimento do ser humano, permitem vislumbrar a sexualidade como elemento constitutivo da corporeidade e da experiência do pesquisador. Tais mensagens permitem dar significado aos significantes que interligam o sujeito às regras civilizadoras, por meio da análise dos condicionantes sociais e culturais que, ao longo do curso de vida, criam a dependência com certas regras civilizadoras que conformam o espaço propício a vinculação com certos estereótipos sexuais. É hipótese central desse estudo a consideração de que o ser humano aprende enquanto cresce, estabelecendo-se, dessa forma, as condições necessárias para sua vinculação com as regras morais e éticas que ordenam a vida e que determinam um suposto ideal de homem ou mulher, culturalmente concebido, de geração a geração.

O último estudo – **Identidade, Sexualidade, no Viés do Corpo** – intimamente ligado aos outros dois, em relação à procura do significado que, no interior do contexto histórico, econômico e sócio-cultural assume a sexualidade humana e centrando a atenção no soslaio corporal, mediante a análise dos componentes que, morfo-anatomicamente e emocionalmente, aproximam a sexualidade no ser humano, são analisadas as questões que ligadas aos componentes biológicos do desenvolvimento humano, permitem reconhecer as características sexuais que, sob esse viés, determinam ou facultam a masculinidade e a feminilidade, socialmente estabelecidas. No entanto, esse estudo aponta também que a peculiaridade de poder sentir-se dono do seu corpo brinda ao sujeito a possibilidade da sua identidade sexuada na consideração do próprio corpo como um objeto que ocupa, em sua experiência, um lugar privilegiado, revestido de valores em relação a um Ideal de Ego por ele subjetivado.

Para assegurar esta teia, inter-relacionando os três discursos, ou seja, o do desenvolvimento, o da afetividade e o da identidade corporal, buscou-se, no sustento psicanalítico, o caminho metodológico básico ressaltando, no entanto, que não se trata de procurar o conhecimento geral nem a teoria unitária, porém, de encontrar um método que possa detectar as ligações, as articulações que efetivem uma possível aproximação com o fenômeno que propomos analisar qual seja, o da sexualidade humana no espaço das possibilidades biológico-emocionais que circundam o percurso de vida.

É neste contexto que importa, em adição, sublinhar indagações que busquem desvelar, sob diversos olhares, a problemática subjacente ao fenômeno estudado, entendendo que a sexualidade constitui uma necessidade básica e um aspecto peculiar do ser humano, formando parte da sua personalidade.

Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não de orgasmo. Sexualidade é a forma de ser de cada ser humano no marco referencial da sua escolha de vida, determinando uma forma peculiar de ser no mundo.

Porém, como perceber essa forma de ser, no escopo da sexualidade?

Contardo Callegaris, doutor em Psicologia e psicanalista, questiona o entorno fundamental na questão da conformação desse espaço, indagando:

A orientação sexual é fruto de uma especificidade genética ou é um efeito da história do sujeito? Ou ainda: Ela é uma fatalidade ou uma "escolha"?

De qualquer forma, o termo "escolha sexual" é, no mínimo, impreciso: ele sugere uma liberdade que, de fato, nunca existe em matéria de amor e sexo. Em geral, a fantasia que sustenta o desejo de cada sujeito (homossexual ou não) é mais próxima de uma imposição do que de uma criação livre e variável: não é uma coisa que a gente "escolha". A razão para defender a expressão "escolha sexual" ou, então, seu contrário (por exemplo, "determinação sexual") é, sobretudo política. Muitos sujeitos cuja conduta amorosa e sexual é excluída, perseguida ou censurada preferem, hoje, que a forma de seu desejo seja considerada por todos como uma necessidade biológica. Com isso, eles se libertariam das tentativas (ridículas e opressivas) de "corrigir" o que, para eles e de fato, é um desejo não negociável (que pode ser reprimido, mas não "endireitado"). Em suma, eles esperam ganhar uma aceitação social definitiva, visto que não há como se opor "à natureza". Por que não adotar esse argumento, considerando que, de qualquer forma, a expressão "escolha sexual" é incorreta? Eis minha resposta: no mundo dos meus sonhos, as mais variadas orientações sexuais e amorosas seriam aceitas sem a justificativa de determinação biológica alguma, mesmo se elas fossem livres escolhas dos sujeitos. (CALLEGARIS, 2007)

Dessa forma, pelo que expressa Callegaris, entendemos que a determinação sexual, do tipo que ela for ou em que sentido ela estiver orientada, deve ser vivenciada, sob pena de alienar o desejo, como expressa Callegaris, isto é, de recalcar a pulsão no sentido de tentar responder, apenas, a determinantes sócio-culturalmente impostos.

Sabe-se que toda relação do ser humano consigo, ou com outros seres, humanos ou não, determina experiências de vida. A experiência é a base do conhecimento e o modo, mediante o qual a pessoa é consigo e com os outros seres no mundo, através de diferentes acontecimentos, em que confirma a sua existência.

Cada pessoa é, singularmente, diferente das demais entidades no mundo, porque vive no universo das suas experiências, ou seja, na demarcação da sua história pessoal. No entanto, ela é, objetivamente, igual a outras pessoas, de acordo com um vocabulário objetivo ou pré-determinante do que é ser semelhante a outros seres humanos.

A objetivação, por meio da fala, ocasiona a fragmentação da realidade na qual cada ser humano inscreve sua história de vida. Espaço objetivo no qual as formas de ver e de perceber as questões relacionadas ao sexo e a sexualidade são ordenadas ou classificadas diante do que delas pode ser dito ou falado.

Trata-se de um processo de coação e autocoação, diretamente relacionado a uma infinita série de pré-determinantes sócio-culturais impostos, nos quais o corpo, em termos de unidade sexuada, ocupa um lugar privilegiado.

O corpo apresenta-se na cotidianidade do viver, assim, os sentimentos, as sensações e as emoções correspondentes, encontram-se fundamentadas e são vivenciadas e explicitadas mediante atitudes, gestos, posturas que cada sujeito integra de acordo com sua forma pessoal de estar sendo no mundo.

Em outras palavras, demarcação da presença do ser humano no espaço social mediante o estar sendo no seu corpo. Forma de ser peculiar que se encontra sujeita às interpretações que o meio faz dessas peculiaridades, que propõem normas de vida, dentro de conceitos e leis nos quais a sexualidade deve ser entendida e que a sociedade, ainda no século XXI, pré-determina.

Nessa experiência o Outro está sempre presente, uma vez que desde o início da sua história pessoal, o filho do ser humano, que nasce imaturo, depende da assistência de alguém. O ser humano não nasce “dono” do seu corpo e muito menos do seu Eu.

O corpo do bebê, que ele experimenta como um campo confuso de sensações fragmentadas oferece uma imagem perfeita, unificada e diferenciada dos outros objetos do mundo para todos os que o rodeiam, menos para o próprio recém-nascido. A criança recém-nascida não se representa pela imagem que ela oferece aos outros. A experiência dos primeiros meses de vida é para ela a de um conjunto confuso e desordenado de sensações de prazer e desprazer que não recortam exatamente o limite entre um “fora” e um “dentro” do “eu” corporal (KEHL, 2003, p.250).

Por conseguinte, essa falta de propriedade corporal traduz a carência de vivência, que a imaturidade corporal sustenta e que, por meio de experiências frustrantes ou prazerosas, alimenta a dependência ao Outro, mitificando diversas formas de comportamentos. Espaço

propício ao recalque e aos sintomas que, como expressa Calligaris (2007), muitos sujeitos preferem enquadrá-lo em uma determinada necessidade biológica, no intuito de poder resguardar sua conduta amorosa e sexual perseguida ou censurada pelos outros. Assim, eles passam a liberar-se, das tentativas ridículas e opressivas de "corrigir" o que constitui, para eles, um desejo não negociável, que pode ser reprimido, recalçado ou sintomatizado, porém que não necessita ser "endireitado", segundo Callegaris. (2007).

Dessa forma, progressivamente, e por meio da complicação sucessiva de fatores que, ao longo do processo do desenvolvimento pessoal, permitem unir componentes biológicos, geneticamente previstos, a estímulos ambientais, transforma-se o corpo no "lugar" do possível, sede da imagem de si, separando-o do corpo do Outro (KEHL, 2003, p.251).

De estágio em estágio, ou melhor, de etapa em etapa de crescimento e desenvolvimento, o ser humano conforma um projeto ou proposta de vida dentro do qual a emoção e a afetividade encontram-se sempre unidas no espaço da corporeidade de cada sujeito.

As funções mentais – que acompanham o desenvolvimento desse complexo processo no qual o aparelho psíquico, no controle a diferentes estímulos, oriundos do próprio corpo do sujeito e externos a ele, evolui progressivamente – ordenam as tensões que as experiências corporais determinam.

As fases primitivas do desenvolvimento psíquico acompanham as sensações de excitação e de relaxamento que, em nível corporal, permitem o controle da tensão que os estímulos desencadeiam.

O grau de domínio que o sujeito manifesta, da tensão que suporta, é traduzido por meio de atitudes corporais, ou seja, através de determinadas posturas.

Segundo a Psicanálise, o bebê humano não possui, quando nasce, meio para se movimentar voluntariamente nem para controlar os estímulos. Ele não conhece o mundo objetual nem consegue segurar seus impulsos. Mediante posturas de satisfação ou de desagrado, ele reage tencionando ou relaxando seu corpo (FENICHEL, 1981). Quando ele tem fome, frio ou necessidades de aconchego, ele tenciona seu corpo e chora; quando assistido, relaxa e dorme.

As relações primárias do indivíduo com o meio são mediadas pelo longo processo de evolução que possibilitou o aparecimento de seres vivos dotados de consciência. Esse processo é necessário à compreensão da ontogênese humana que explicita a formação do psiquismo no homem. Ele é resultado de aquisições progressivas do desenvolvimento sócio-histórico e da experiência de gerações anteriores.

O trabalho criou o próprio homem. Primeiro o trabalho, depois dele, e ao mesmo tempo que ele, a linguagem: tais são os dois estímulos essenciais sob a influência dos quais o cérebro de um macaco se transformou pouco a pouco num cérebro humano, que malgrado toda a semelhança o supera de longe em tamanho e perfeição (LEONTIEV, 1978, pg.32).

Por meio do trabalho e da linguagem, como expressa Leontiev, a atividade social torna-se compreensível através da abstração do pensamento. A possibilidade que a linguagem oferece é uma condição da atividade superior do homem que ultrapassa o “sentido” ou “percebido” na possibilidade de poder nomear o “vivido”, fazendo refletir a realidade por meio do suporte que ela brinda à aprendizagem.

O ser humano aprende por meio das faculdades que seu corpo oferece, uma vez que ele é a condição da existência do homem. Dessa forma, o corpo se constitui unidade pessoal-sexuada, por meio da linguagem, isto é, mediante o que dele diz ou expressa cada sujeito.

Porém, cabe questionar, como compreender o corpo, sujeito do movimento e da percepção do mundo que, por meio da sua propriedade sexuada, determina as características masculinas e femininas dos seres humanos, além da sua condição biológica?

[...] um conceito aberto. De Platão a Bergson, passando por Descartes, Espinosa, Merleau-Ponty, Freud e Marx, a definição de corpo sempre pareceu um problema: para alguns, ele é ao mesmo tempo enigma e parte da realidade objetiva, isto é, coisa, substância; para outros, signo, representação, imagem. Ele é também estrutura libidinal que faz dele um modo de desejo, corpo natural que passa a outra dimensão ao se tornar corpo libidinal *para outro*, uma “elevação em direção a outrem”: o Eu do desejo é evidentemente o corpo, diz a psicanálise (NOVAES, 2003, p.9).

Novaes, assim, responde ao nosso questionamento permitindo-nos compreender que o corpo constitui uma totalidade ativa, aberta e sexuada que, desponta como projeto libidinal para

outro e que, ao mesmo tempo, por meio da sua singularidade, admite dar significado às diferentes ações que cada ser humano interpõe entre ele e o mundo, ao longo do seu curso de vida.

Esses dois fenômenos – o de perceber o corpo humano como uma totalidade aberta que progressivamente se desenvolve e adquire, por meio da afetividade, a sua autonomia e o de considerar ao corpo como unidade sexuada que permite a subjetivação do desejo podem, de acordo com a sua abrangência e importância, ser separados em três trabalhos que possibilitem o seu estudo.

Dessa forma, direcionando o buscar a iluminação do fenômeno da sexualidade humana através do que é dito por algumas teorias que fundamentam seus enunciados nos princípios da psicologia genética, tais como as desenvolvidas por Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, e por outras que, de forma aleatória, venham a contribuir na iluminação da trilha que pretendemos transitar, faz-se necessário explicitar a interrogação que direcionando nossa percepção nos ajude a esclarecer:

### **“O que é a sexualidade humana?”**

Na busca do esclarecimento dessa pergunta, pretendemos abordar alguns autores que, direta ou indiretamente, mantêm na sexualidade o seu referencial de estudo, inferindo nos seus enunciados que, na sua própria perspectiva, alguns se apresentam convergentes e outros divergentes, porém esclarecedores do caminho que almejamos percorrer.

Na maioria das vezes, a terminologia utilizada para definir ou situar a sexualidade humana não se apresenta de forma clara. Em seus enunciados, encontra-se, implícita ou explicitamente, uma série de dúvidas e de novas indagações, que transparecem na falta de um instrumental científico acorde com a completude do problema, demarcando o âmbito da nossa interrogação diante do fenômeno da sexualidade humana.

A indagação sobre a sexualidade humana originou-se da própria inquietação do pesquisador tentando encontrar, ao longo de 30 anos de exercício profissional, respostas mais consistentes e sólidas para a essência da sexualidade além do falado, sentido,

experimentado, interpretado. Situado nas Ciências da Saúde, especificamente na fisioterapia, na psicomotricidade e, concomitantemente, na psicanálise, sentiu-se a necessidade de aprofundar, primeiramente, na compreensão das idéias centrais de algumas teorias que, estudando o desenvolvimento humano, e, de forma implícita, a sexualidade, pudessem elucidar os diferentes componentes que guiam o percurso de vida do ser humano e que interligam o espaço pessoal ao espaço social na determinação da unidade sexuada que cada ser humano é ou concebe.

A afetividade despontou nesse caminhar, num segundo momento, como viés integrador dessa evolução, dando sentido à experiência pessoal que, indubitavelmente, associa o ser humano a uma determinada escolha sexual no marco das características genuínas que cada sujeito tem de se relacionar e viver.

Por último, a identidade, salientada pela corporeidade, ofereceu mais uma nova perspectiva ao estudo, abrindo o espaço às considerações sobre o processo de constituição de um corpo próprio, capaz de assegurar a similitude por meio da especificação da diferença em relação ao corpo dos outros, capacitando os empreendimentos que cada sujeito realiza na tentativa de poder integrar seu comportamento ao comportamento coletivo.

Normas de contenção necessárias à vida em sociedade que impõem a automatização de regras corporais no intuito de possibilitar a integração social.

O corpo que, segundo Maria Rita Kehl (2003, p.252), representa a sede imaginária do narcisismo do Eu, é o viés integrador dessas coações sociais, determinando, entre outras coisas, diferentes maneiras de perceber e/ou vivenciar o espaço da sexualidade.

Assim, tudo o que hoje nos parece óbvio, regulado por sentimentos de pudor, nojo e vergonha, que acreditamos muito “naturais”, foi inculcido no comportamento ocidental, ao longo de séculos de trabalho civilizador (KEHL 2003, p.254).

O corpo teve de ser adaptado aos comportamentos que hoje reconhecemos como formando parte das boas maneiras e do bom gosto civilizador.

Afastamento progressivo das funções básicas naturais do corpo que socialmente tiveram que ser reprimidas, e passagem simultânea da repressão ao recalque, isto é, do que não

pode ser mostrado nem feito ao que não pode ser falado, alongando o espaço do desejado, imaginado e, mediante a coação, reprimido.

Dessa forma, através das pautas que estipula a ciência do desenvolvimento humano, salientando a importância da emoção que faculta as ações do indivíduo nas diferentes relações com o Outro, e por meio da possibilidade de espacialização do corpo que surge da interdependência com outros corpos, surge este trabalho na tentativa de poder vislumbrar uma nova perspectiva que nos ajude a compreender o que é a sexualidade humana.

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo pretende analisar os modos pelos quais a sexualidade humana se desvela como objeto de conhecimento do pesquisador, no intuito de poder iluminar a trilha conceitual pela qual ele transita ao longo de 30 anos de atividade terapêutico-docente.

Assim surge o estudo na necessidade de compreensões e respectivas interpretações e expressões que vão além das explicações formais em torno da sexualidade humana.

Para desenvolvê-lo, buscou-se na psicanálise e no trabalho de alguns autores que têm problematizado a sexualidade, direta ou indiretamente, a interligação epistemológico-conceitual da relação existente entre o desenvolvimento humano, a afetividade e a identidade, no intuito de poder compreender o fenômeno da sexualidade humana.

O grande e variado número de obras, artigos e trabalhos impôs uma aprimorada seleção entre os mesmos e assim, o objetivo do estudo, qual seja o de desvelar a essência da sexualidade humana, foi formatado no espaço da pesquisa qualitativa, no intento de poder abarcar, paulatinamente, o ambiente da sexualidade por meio de três estudos que epistemologicamente se interligam e complementam:

*Os conceitos de Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, em relação à Ciência do Desenvolvimento Humano e sua co-relação na evolução da sexualidade;*

*Afetividade, Sexualidade e o Percurso Civilizador;*

*Identidade, Sexualidade, no Viés do Corpo.*

Para assegurar esta teia, inter-relacionando os três discursos, que devem conduzir nosso percurso, ou seja, o desenvolvimento humano, a afetividade e a identidade corporal, buscaram-se subsídios metodológicos na análise crítica e qualitativa, desses discursos. Compreendendo que, como opina Bicudo e Martins, (MARTINS 1989) “Em vez de dizer-se *pesquisa qualitativa* talvez fosse melhor dizer *análise qualitativa* na pesquisa, entendida como uma forma de trabalho metodológico das Ciências Humanas. Na atividade de pesquisa desenvolvida por essas ciências, o recurso básico e inicial utilizado é a descrição” (MARTINS, 1989, p.41)

Dessa forma por meio da descrição que faremos sobre alguns dos conceitos que Jean Piaget, Henri Wallon e Sigmund Freud consideram em relação ao processo de desenvolvimento humano, tentaremos encontrar subsídios, mediante análise crítica desses discursos, que nos permitam, através da elucidação de espaços progressivos de evolução, encontrar possibilidades de desvelamento da sexualidade na consideração de referências ou exemplos que possam determinar conexões entre alguns pontos relevantes das teorias selecionadas.

Nesse sentido, é significativa a aproximação de Joel Martins e Maria Aparecida Bicudo no sentido de que a descrição permite a interação necessária entre alguém que conta ou descreve um fato ou fenômeno e aqueles que não conhecem o fato ou o fenômeno, propiciando o que eles denominam – *escrever para fora* – ou seja, escrever ou produzir no intuito do esclarecimento sobre tal ou qual significado, mediante a utilização de um exemplo ou de uma determinada referência.

Interligando conceitos no viés progressivo que faculta o desenvolvimento humano, faremos apelo à afetividade como forma de poder sublinhar a sua importância na possibilidade de desvelamento da sexualidade por meio da análise crítica das idéias desenvolvidas por Henri Wallon e por outros autores, que mantêm com essa área de estudo laços de referência.

Preocupação justificada pela importância que o estudo apresenta, no espaço da pedagogia inclusiva e da psicomotricidade, áreas nas quais o pesquisador desenvolve estudos e atividades terapêutico-educacionais.

Salientando que, como expressam ainda, Martins e Bicudo, em pesquisa qualitativa a descrição não se fundamenta em idealizações, imaginações nem desejos e que a não sistematização de procedimentos é substituída, nesse tipo de pesquisa, pela progressão de passos ou momentos que levam a generalização sem entrar no meio da questão dedutiva que, segundo esses autores, deve ser excluída, de qualquer procedimento de análise qualitativa. (opus.cit., 1989, p.47)

Isso, de modo a buscar a delimitação do campo de estudo dos componentes que ordenam o percurso de vida do ser humano e que interligam o espaço pessoal ao espaço social, na determinação da identificação sexuada.

Assim, acreditando que a dimensão biológica, explicitada por meio da evolução psicogenética, que os autores anteriormente citados descrevem ou que o viés afetivo, de forma isolada, não são suficientes para explicitar o complexo fenômeno que nos propomos analisar, tentaremos interligar esses dois estudos salientando a importância da consideração do viés corporal no intuito de tentar consolidar a existencialidade do ser humano no espaço da identidade sexuada.

Essa preocupação justifica-se uma vez que o pesquisador fez do corpo humano, ao longo de trinta anos de exercício profissional, o viés da interação terapêutica na qual, por meio da psicomotricidade, ele tem se instigado, sobre a importância que a definição sexuada tem na construção da imagem corporal, isto é, na consideração do próprio corpo como um objeto que ocupa, por meio da experiência psicomotora, um lugar privilegiado que cada sujeito reveste de significados e valores mediante a subjetivação do que, para si, representa nesse espaço, a sexualidade.

Dessa forma, guiados pela preocupação de poder inferir num lugar comum a todos os seres humanos nos quais também se insere o pesquisador, na condição ou singular propriedade humana de ser no seu corpo, encontramos os motivos da nossa indagação.

Tais motivos escapam, entendemos aos horizontes das ciências positivistas, porque estas não reconhecem intenções nas propriedades sexuadas, considerando a verdade contida em afirmações externas a essa intencionalidade que, quando comprovadas, pré-estabelecem as condições que, sobre algumas características da sexualidade, podem ser estipuladas. Como por exemplo, algumas distorções que podem ser cometidas na necessidade de associar as diferentes formas de orientação sexual (heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade) a fatores biológicos, na procura ou na busca e um “gene *gay*” ou de uma configuração hormonal específica para esta ou aquela orientação. (FAGUNDES, 2005, p.17)

Nesse sentido, a análise crítica de alguns instrumentos metodológicos que visam à compreensão das questões associadas à identidade, a sexualidade e ao espaço corporal, deverão orientar o percurso metodológico do presente trabalho cujos passos serão assim estabelecidos:

- 1) Revisão bibliográfica, da literatura pertinente ao tema;
- 2) Pré-análise, isto é, exploração do material encontrado na revisão bibliográfica;
- 3) Apresentação das diferentes referências sobre a sexualidade, procurando estabelecer a necessária distância para que se possa ocorrer compreensão, sem pré-conceitos, das explicações e princípios implícitos nessas referências conceituais;
- 4) Retorno reflexivo sobre os conteúdos explanados mediante um novo olhar, permitindo que por meio do pensar do pesquisador no desvelamento dos fenômenos não esclarecidos na formulação da indagação: o que é a sexualidade humana, abra-se uma nova perspectiva que veja a sexualidade como uma unidade psicomotora do ser humano.

## PRIMEIRO ESTUDO

### OS CONCEITOS DE HENRI WALLON, JEAN PIAGET E SIGMUND FREUD, EM RELAÇÃO À CIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E SUA CO-RELAÇÃO NA EVOLUÇÃO DA SEXUALIDADE.

Eduardo Ravagni<sup>1</sup>

Elioenai Alves Dornelles<sup>2</sup>

#### Resumo

Constitui meta de o presente estudo compreender a sexualidade humana, sob o viés conceitual da psicanálise, por meio da análise das mensagens encontradas nas teorias sobre a ciência do desenvolvimento humano, desenvolvidas por Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, na tentativa de chegar a responder a indagação que orienta o nosso percurso, isto é: O que é a sexualidade humana? O estudo analisa, por meio de pesquisa qualitativa, os conceitos explanados por essas e outras teorias, confrontando o que os fatores genéticos, biológicos e emocionais determinam em relação à sexualidade e o que cada sujeito elabora como identidade sexuada, ao longo do curso de vida, na tentativa de poder visualizar esse fenômeno, livre de imposições e/ou rotulações de classe, gênero ou opção sexual. Provocar uma inflexão da psicanálise em direção ao desenvolvimento humano e a sexualidade não é tarefa fácil, uma vez que são muitos, os riscos, para não tentar cair na armadilha de reduzir a totalidade desse fenômeno, à lei do particular. Assim, conclui-se que a ciência do desenvolvimento humano capacita a reflexão sobre a sexualidade, substituindo o conhecimento fragmentado e reducionista do seu estudo isolado, oportunizando também a contextualização global desse fenômeno, mediante a relação entre metodologias, integrado a visão dialógica do desafio pessoal – ser homem ou mulher – no contexto das relações sócio-históricas determinadas pelo espaço cultural.

**Palavras-chave:** desenvolvimento humano, emoção, representação, sexualidade.

---

<sup>1</sup> Eduardo Ravagni – Professor da Universidade de Brasília-UnB.  
SHIS QI 27, Conjunto 4, Casa 10. Lago Sul. Brasília-DF. Cep: 71 675-040. [ravagni@uol.com.br](mailto:ravagni@uol.com.br)

<sup>2</sup> Elioenai Alves Dornelles – Professor da Universidade de Brasília-UnB.  
UnB Colina, Bloco H, apt. 205. Brasília-DF. Cep: 70 910-900. [elioenai@unb.br](mailto:elioenai@unb.br)

## **Introdução**

Aléxis Leontiev (1978, p.19) afirma que “O aparecimento de organismos vivos dotados de sensibilidade está ligado a complexificação da sua atividade vital”.

Esta afirmação, entendida como a série de processos pelos quais passa o ser humano, ao longo do curso de sua vida, remete-nos a enfatizar que o presente estudo não pretende abordar todas as concepções metodológicas a respeito do desenvolvimento humano.

O presente trabalho encontra a sua fundamentação na análise das idéias desenvolvidas por Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, no intuito de esclarecer como esses autores tratam das questões referentes à sexualidade humana, no viés do processo do desenvolvimento.

Essa análise, no entanto, não se restringe aos autores e às teorias, mas permite que os significados não mencionados e as entrelinhas das mensagens sejam considerados, uma vez que a participação do pesquisador encontra-se diretamente relacionada no processo próprio de decodificação dos símbolos, outorgando uma característica pessoal ao trabalho.

Considerando que uma das principais finalidades da análise de um determinado contexto é a relacionada com a obtenção de dados que extrapolem o teor do espaço analisado, pretende-se encontrar, na mensagem passada pelos referidos autores, vestígios que permitam inferir conhecimentos que, associados a outros elementos, possibilitem uma melhor compreensão dos conceitos por eles abordados, em relação à ciência do desenvolvimento humano e a sexualidade.

Assim, diante de algumas provocações, que esses e outros autores apresentam, de diferente forma e em relação a diferentes contextos metodológicos, surge este trabalho na tentativa de poder desvelar a sexualidade humana por meio da transcendência das perspectivas biológicas, que ela possibilita, ao longo do processo de desenvolvimento, no seio da questão socializada.

De acordo com as diferentes posições encontradas em diversos ensaios sobre psicanálise e contemporaneidade como os que apresentam vários autores no livro intitulado: Psicanálise

fim de século (1998) e cuja organizadora é a professora Iray Carone, o espaço da sexualidade migra do restrito espaço pessoal ao das relações interpessoais que condicionam diversos e paradoxais posicionamentos e que exigem um olhar mais amplo no sentido da universalização de conceitos e posições.

### **Objetivo, Justificativa**

Constitui objetivo do presente trabalho a elucidação do fenômeno da sexualidade humana co-relacionando-a ao processo de desenvolvimento humano, mediante a análise dos conceitos que compõem as idéias centrais do pensamento Walloniano, Piagetiano e Freudiano.

Julga-se tal assunto de relevante importância uma vez que, no escopo do desenvolvimento humano, a sexualidade deveria ser a base da compreensão de qualquer atividade, terapêutica, científica ou pedagógica que se referencia nessa área de estudo, para poder visualizar a unidade psicomotora do ser humano, como uma entidade-sexuada que desponta como fenômeno.

### **Material e métodos**

A metodologia utilizada na execução deste trabalho foi iniciada através da revisão bibliográfica, que buscou na literatura existente, que por se tratar de conceitos desenvolvidos por estudiosos que nasceram no final do século XIX e fundamentaram suas teorias no decorrer da primeira década do século XX, exigiram nossa adequação às fontes disponíveis e relevantes. Assim, numa primeira análise, as referências bibliográficas poderiam, para os não conhecedores das profundas transformações que Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud ajudaram a construir ao longo do período de suas “insubstituíveis” vidas, ser consideradas “depassadas”.

No entanto, este trabalho de revisão conceitual sobre as idéias centrais dessas escolas do pensamento contemporâneo, sobre a Ciência do Desenvolvimento Humano e sua correlação na evolução da sexualidade, não pode ser reduzido a dimensão restrita de uma

pesquisa qualitativa, uma vez que a mesma não procura uma padronização entre as múltiplas formas de olhar o fenômeno.

A pesquisa qualitativa cogita a construção não estruturada dos dados e procura a significação dos dados apanhados dentro de um determinado espaço de estudo.

Dessa forma, partindo das considerações que o professor Pedro Demo fez em sala de aula (2005) em relação ao objeto de um trabalho científico, ressaltamos a idéia do "objeto construído", no qual o autor do trabalho estabelece um contato dinâmico entre a realidade pesquisada e a sua própria experiência, manuseando as mensagens em relação ao seu conteúdo e à expressão desse conteúdo, para evidenciar os indicadores que permitiram inferir sobre outra realidade e não apenas a da mensagem contida nos discursos analisados.

Assim, as condições oferecidas mediante a análise das idéias centrais do pensamento de Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud em torno da ciência do desenvolvimento humano, permitiram inferir, de forma ainda parcial, num fenômeno tão vasto e complexo como é o da sexualidade humana.

A organização metodológica do presente estudo foi realizada em relação a três fases operacionais.

- 1) A de pré-análise, das informações que seriam confrontadas, isto é, as relacionadas com as teorias que Henri Wallon, Sigmund Freud e Jean Piaget, guiados pelos princípios da psicologia genética, construíram em relação à Ciência do Desenvolvimento Humano;
- 2) A de exploração do material selecionado, tentando alinhar as possíveis nuances que os discursos teciam em relação à Sexualidade Humana, e por último;
- 3) A de uma presumível interpretação do que é ou constitui a sexualidade no espaço da relação homem-homem e homem-mundo.

Assim, por meio da análise das mensagens existentes no material bibliográfico pesquisado, buscou-se evidenciar os indicadores que permitissem inferir sobre outra realidade que não

a das mensagens analisadas, no intuito de poder elucidar uma nova abordagem para o fenômeno da sexualidade, dentro do viés que oferecem as idéias centrais das teorias sobre Desenvolvimento Humano desenvolvidas pelos autores anteriormente citados e por outros que, ao longo do processo de formatação do trabalho, despontaram na sua importância, diante da necessidade de poder aprofundar na infinita série de mensagens que a complexidade do tema possibilita.

### **Epistemologia genética e sexualidade**

De um momento a outro, num longo processo de desenvolvimento, o ser humano conforma um projeto de vida dentro do qual a maturação e o crescimento encontram-se permanentemente unidos. Deve-se ressaltar que, quando fazemos referência ao crescimento, estamos inferindo nas variações concernentes com o tamanho do organismo, as mudanças que acontecem nos tecidos e órgãos, como também em relação às modificações corporais, que se operacionalizam mediante um processo de múltiplas variáveis, em relação a sua complexidade e organização.

O crescimento atinge todos os órgãos, tecidos, circunferência craniana, ossificação e dentição, ações glandulares, aumento do tamanho e mudanças no volume das extremidades corporais, ou seja, o crescimento apresenta-se em relação à toda estrutura corporal. Esse fenômeno, de acordo com os estudos realizados por Henri Wallon (1989), processa-se concomitantemente ao desenvolvimento emocional e social, reunindo os aspectos somáticos às manifestações afetivas. O referido autor que nasceu em 15 de junho de 1879, em Paris/França, e tornou-se conhecido por seu trabalho científico sobre Psicologia do Desenvolvimento, prioriza o desenvolvimento neuromotor inicial, isto é, o das reações tônico-emocionais, que representam as primeiras respostas de cunho psicológico, explicitadas por meio de diferentes manifestações posturais.

Wallon distingue o fator orgânico como condição para o desenvolvimento do pensamento, lembrando a importância das influências do meio nesse processo. O ser humano, segundo esse autor, seria o resultado de influências sociais e fisiológicas, e, dessa forma, não deveria ser priorizado um ou outro aspecto, uma vez que as possibilidades psicológicas, segundo Wallon, dependem da interação sócio-cultural. Assim, não poderíamos outorgar

desenvolvimento do sistema nervoso, por exemplo, a competência das habilidades cognitivas, separando-o da importância que a interação com o mundo tem no processo.

O ser humano possui, ao nascer, respostas específicas a estímulos determinados, como por exemplo: reflexo de Moro, reflexo de *grasping* de Mac Graw, reflexo de extensão, etc. No entanto, para que estas primeiras ações de índole reflexa possam ser transformadas em atos do cotidiano, será necessário que ele experiencie a resistência do meio onde vive, as suas respostas, rompendo-se, dessa forma, o equilíbrio que caracterizava a harmonia entre estímulo-resposta. Esta primeira ruptura do ser humano com o equilíbrio do seu sistema orgânico permite o aparecimento de reações emocionais correspondentes ao grau de ruptura ou de desequilíbrio orgânico (RAVAGNI, 1988, p.21-22).

A emoção, em relação às sensações corporais que as variações tônicas oportunizam, canaliza ou dá sentido às ações do sujeito, fundamentando diferentes formas de comunicação com o mundo que, nos primórdios do desenvolvimento, se concretiza através de determinadas atitudes mímico-posturais.

A postura e o movimento liberam e ajustam-se às experiências da criança, possibilitando o despontar de emoções que permitem a diferenciação de cada sujeito no ambiente. Wallon considera que a emoção e a afetividade constituem o elo mediador das relações sociais, fundamentando o primeiro vínculo pessoal, uma vez que elas separam a criança do ambiente, conformando também, o espaço da inteligência. Ou seja, possibilitando os primeiros vínculos, rudimentares, de comunicação e de acomodação da criança ao meio e do meio à criança.

Sob este prisma, é a emoção que tem um valor funcional privilegiado, pois ela é, inicialmente, provocada pelas impressões posturais e necessita da postura (atitudes, mímicas) para se exprimir. [...] A emoção é, para Wallon, o intermediário genético entre o nível fisiológico, no qual só existem respostas reflexas, e o nível psicológico, que permite ao indivíduo se adaptar progressivamente ao mundo exterior que ele descobre (AJURRIAGUERRA, 1985, p.24).

O que nos permite entender que a origem da evolução do desenvolvimento humano encontra-se fundamentada nas condições biológicas que possibilitam as primeiras reações neuro-motoras, porém, é a partir das inúmeras interações com outros seres no mundo, humanos ou não, que se estabelecem laços de adaptabilidade em relação à realidade

psicomotora do próprio indivíduo e em relação às condições sociais, econômicas, e culturais nas quais ele está inserido.

Tornar-se-ia impossível, assim, distinguir ou delimitar, segundo Wallon (1965), estágios ou etapas precisas de desenvolvimento, em relação ao curso de vida. Por um lado, o crescimento físico não se processa na interdependência de períodos de repouso seguidos de acelerações, porém ele se efetiva de maneira contínua e progressiva. Por outro lado, a vida afetiva, em relação a outro viés de análise, apresenta-se extremamente rica no tocante a sua progressão, e ao estabelecimento de cortes na sua evolução, no sentido de estabelecer etapas ou espaços de progressão, assim, constitui tarefa artificial, segundo esse autor, uma vez que a personalidade deve ser entendida na totalidade do que ela representa, isto é, uma totalidade físico-psíquica ou psicomotora.

El crecimiento del cuerpo y de la mente son la consecuencia de cambios en su economía total, en los períodos sucesivos parecen, incluso, oponerse entre si. En el desarrollo de un ser vivo existen metamorfosis que son notables en ciertas especies, por ejemplo en los insectos, pero cuya existencia puede suponerse también en los mamíferos y en el hombre. Estos cambios, visibles en mayor o menor escala, son el efecto de modificaciones en las reacciones íntimas del organismo y tienen por resultado nuevas condiciones de existencia (WALLON, 1965, p.33).<sup>3</sup>

Como aponta Wallon (1989), no decurso do seu desenvolvimento, a criança, sob influências concretas da sua condição particular, passa a ocupar um espaço concreto e objetivo no seio das relações humanas uma vez que como também reafirma Leontiev (1978),

Pela sua atividade e sobretudo pelos seus jogos, que ultrapassam o quadro estreito da manipulação dos objetos circundantes e da comunicação com os pais, a criança penetra num mundo mais vasto de que se apropria de forma ativa. Toma posse do mundo concreto enquanto mundo de objetos humanos com o qual reproduz as ações humanas. Conduz um

---

<sup>3</sup> O crescimento do corpo e da mente é a consequência de mudanças na economia global, e, nos períodos sucessivos, parecem, incluso, se opor entre si. No desenvolvimento de um ser vivo existem metamorfoses que são notáveis em certas espécies, por exemplo nos insetos, porém cuja existência pode-se supor também nos mamíferos e no homem. Estas mudanças, visíveis em maior ou menor escala, são os efeitos de modificações em reações íntimas do organismo e apresenta por resultado novas condições de existência (WALLON, 1965.p.33).

“automóvel”, dispara uma “espingarda”, se bem que o carro não possa rolar realmente nem a sua espingarda disparar (LEONTIEV, 1978, p.287).

Nesse percurso, no qual a emoção constitui a mola propulsora das primeiras interações com o mundo e dentro do qual determinadas posturas asseguram formas primárias de comunicação com o mundo, Jean Piaget biólogo suíço, que nasceu em Neuchâtel, Suíça, em 1896 e que morreu em Genebra em 16 de Setembro de 1980, organiza o desenvolvimento cognitivo por meio de uma série de estágios, centrando o viés do seu estudo, em relação ao desenvolvimento humano, na análise da operacionalização da inteligência, interessando-se pelas diferenças qualitativas, e não pelas diferenças quantitativas desse longo processo.

No que respeita a formas de inteligência, Piaget interessou-se pelas diferenças qualitativas, e não pelas diferenças quantitativas. A investigação destinava-se a explicar por que é que o pensamento da criança de quatro anos era diferente do pensamento da criança de oito anos, e não a explicar por que é que uma criança era mais inteligente do que outra. A inteligência, enquanto forma específica de adaptação, desenvolver-se-ia orientando-se para estados de equilíbrio cada vez mais estáveis (PIAGET & INHELDER, 1966, apud AZEVEDO, 1994).

Piaget define a inteligência a partir de termos biológicos quanto ao seu funcionamento e de termos lógicos quanto à sua estrutura.

Os termos extraídos da biologia, em relação a esse processo de operacionalização da inteligência, são os de: adaptação, assimilação, acomodação e organização. E, entre os conceitos subjacentes que viabilizam esses processos podemos citar os de grupo e os de agrupamento, este último idealizado por Piaget.

Como foi dito anteriormente, o percurso da capacidade de adaptação dos seres vivos dirige-se para a inteligência, que representa uma forma superior de adaptação. Uma parte importante da investigação piagetiana tem como objetivo mostrar como os mecanismos de equilibração, agindo através da assimilação e acomodação, conduzem à formação sequencial de várias estruturas intelectuais, com capacidade cada vez mais alargada para lidar com a realidade (AZEVEDO, 1994).

Desta forma, tentando aproximar os conceitos de Wallon aos de Piaget, entendemos que, por meio da adaptação-assimilação-equilibração, cria-se a possibilidade cognitiva de poder representar as ações vivenciadas corporalmente ou percebidas emocionalmente, prolongando as relações orgânicas psicogeneticamente previstas. Admite Piaget que esses mecanismos “constituem órgãos especializados e diferenciados dessas regulações nas interações com o exterior” (PIAGET, 1973, p.390). Ressaltando, ainda, que as invariantes funcionais, que despontam, são relativas ou associadas a cada processo individual de desenvolvimento, isto é, o indivíduo adapta-se e é adaptado pelo meio, porém, mantendo uma relação invariante, isto é, sendo ele mesmo dentro desse espaço no qual se desenvolve.

Piaget considera que as invariantes funcionais biológicas, uma vez refletidas e elaboradas pela consciência, vão determinar as grandes formas da atividade intelectual. Em termos lógicos, a assimilação corresponde à função implicativa, a acomodação corresponde à função explicativa, e a organização corresponde à função reguladora (AZEVEDO, 1994).

As possibilidades que criam as invariantes funcionais, entendemos assim, permitem a adaptação do indivíduo ao mundo, por meio da assimilação e da acomodação, num contínuo e progressivo ingresso a um determinado meio sócio-cultural, mediante manifestações ou respostas de índole tônico-emocionais. Tais reações ou respostas emergem através de determinadas posturas e traduzem o equilíbrio necessário a essa integração, sujeito-meio – meio-sujeito.

Prosseguindo o estudo do desenvolvimento cognitivo, Piaget dá uma importância considerável à *adaptação* que, como característica de todo ser vivo em geral, adquire, segundo o nível de desenvolvimento, diferentes formas ou estruturas. O processo de adaptação é constituído de dois aspectos, ao mesmo tempo opostos e complementares: a *assimilação* ou a integração do que é exterior às estruturas próprias do indivíduo e a *acomodação* ou transformação das estruturas próprias em função das alterações do meio exterior (AJURIAGUERRA, 1985, p.23).

Ainda, dentro desse processo adaptativo de assimilação e acomodação, tanto Piaget quanto Wallon salientam a importância da auto-regulação que implica ao mesmo tempo desequilíbrios e um constante dinamismo de equilíbrio por meio de duas noções que eles apontam na sua importância e relevância: a de equilíbrio e a de reversibilidade.

A equilíbrio, mediada pela emoção, regula as interações indivíduo-meio e indivíduo-indivíduo, que aparecem ou manifestam-se por meio de determinadas atitudes, pré-formando rasgos de personalidade. Franzir a testa, quando alguma situação torna-se incômoda; rir, diante do aparecimento de uma figura reconhecida ou diante do prazer de um beijo ou mimo; tencionar o corpo, quando alguma situação apresenta-se perturbadora, caracteriza as expressões particulares, de cada ser humano, diante de algum acontecimento, equilibrando e acomodando as respostas pessoais às diversas situações externas, por ele vivenciadas.

Por outro lado, a reversibilidade – condição de poder reverter, equilibradamente, as ações mais elementares como, por exemplo, as relacionadas com as adjunções ou supressões de elementos, no nível perceptivo, bem como as ações de reciprocidades às simetrias ou semelhanças – permite a integração dos conceitos que organizam as operações concretas ou abstratas, possibilitando a comunicação e a aprendizagem.

Toda figura masculina, nos primórdios do desenvolvimento, passa a ser reconhecida como “papai”. No entanto, mediante a possibilidade de poder reverter o reconhecimento da figura masculina noutros seres humanos similares a papai, o conceito de “homem” se integra por meio da associação das semelhanças e particularidades que caracterizam essa forma “sexuada” de estar no mundo. Ou seja, numa primeira tentativa de comunicação com o mundo, a criança denomina todas as figuras masculinas de papai, e as femininas de mamãe. Ela reverte esses conceitos generalizadores no momento em que, por meio da afetividade, extrapola o sentido concreto da operação, outorgando particularidades significativas às palavras pai e mãe.

Ainda, mesmo entendendo que os moderadores comuns do desenvolvimento devam ser considerados em relação à importância que certos conceitos apresentam, torna-se necessário ponderar as distinções ocasionadas pelo meio. Uma criança brasileira apresenta diferenças culturais importantes em relação a uma criança chinesa ou africana, por exemplo, em relação à assimilação e à representação de certos conceitos.

Crescer e madurar evolutivamente, tanto no nível somático como no psíquico, não pode ser separado das condições sociais e culturais integradoras, num determinado espaço

histórico no qual a *adaptação*, a *acomodação* e a *assimilação*, no viés da *equilibração* e da *reversibilidade*, encontram-se sustentadas pelo componente motor que, através de determinadas posturas oferece a oportunidade da expressão *emocional*.

### **Interação indivíduo-ambiente e sexualidade**

Comprovamos assim, que nos conceitos desenvolvidos por Henri Wallon e Jean Piaget existe uma forte tendência em dar destaque à unidade dinâmica da evolução, manifestando que a criança tende à realização do adulto como exemplo da espécie. É a criança que, por meio dos seus comportamentos, traduz a dinâmica sócio-cultural e emocional de um determinado contexto familiar.

Conceito esse largamente trabalhado pela psicanálise em relação aos estudos desenvolvidos por Sigmund Freud no tocante aos conteúdos “não presentes no campo da consciência...”, como salientam Laplanche e Pontalis (2000,p.235).

Ou seja, segundo essa escola, a criança não opera em nível consciente à dinâmica subjacente que ela reproduz emocionalmente, através de diferentes comportamentos.

A esse respeito, Mannoni expressa o seguinte:

Naquele ponto em que a linguagem termina, é o comportamento que continua a falar, e quando se trata de crianças perturbadas, é a criança que, pelos seus sintomas, encarna e presentifica as conseqüências de um conflito vivo, familiar ou conjugal, camuflado e aceito por seus pais (MANNONI,1981, p.13).

Freud, no decorrer desse estudo, descreve e caracteriza o funcionamento mental infantil, privilegiando as noções de investimento psíquico, solução de conflitos, traço mnêmico, representação de coisa e de objeto, que possibilitam a determinação psíquica na qual a realização dos desejos infantis e as vicissitudes do desenvolvimento da sexualidade se constituem em pontos fundamentais na primeira fase do desenvolvimento da personalidade do sujeito.

A satisfação dos desejos e a descarga das tensões pulsionais predominam na dinâmica desse espaço psíquico, constituído pelo inconsciente, pelo pré-consciente e pelo consciente.

Nessa primeira tópica, talvez uma das descobertas freudianas mais importantes no plano do psíquico esteja ligada às questões da localização tópica dos acontecimentos psíquicos. Freud propõe que libido ligada às representações de objeto pode ser retirada delas quando necessário, passando então a ser percebida não como algo interno, e sim como algo externo, fora do sujeito, pois a libido poderá se ligar a uma imagem ou situação externa, que será considerada como uma percepção. O quantum de afeto ligado àquela representação é subtraído e se desloca também para fora, possibilitando então que a “falsa percepção” seja considerada verdadeira. Há desinvestimento libidinal e reinvestimento em outro objeto ou imagem, o que determina a criação de outra cena, desta vez no mundo externo. Diz Freud: “Um acontecimento ou um fato será considerado externo ou interno dependendo da economia libidinal dos investimentos” (Brusset, 2005a, p. 25; Freud, 1911/1995 apud Ana Maria Andrade de Azevedo, Rev. bras. psicanálise vol.41 no.1 São Paulo Mar. 2007

A estrutura psíquica, assim, afirma ou personaliza os investimentos em relação às questões internas e externas que, assimiladas e adaptadas asseguram, por meio do quantum de afeto, isto é, da emoção, a percepção e a representação dos fatos vivenciados.

Sob esse viés, a psicanálise entende que o desenvolvimento do ser humano organiza-se por meio do encadeamento progressivo de processos instintivos, ressaltando, em primeiro plano, os fatores condicionados pelo meio externo e, em segundo plano, os fatores constitutivos da unidade biológica do sujeito.

Deduzindo, poderíamos afirmar que, de acordo com esse ponto de vista, a ontogênese recapitula a filogênese. Ou seja, o desenvolvimento das características próprias do ser humano se antepõe às características estabelecidas pela espécie.

“Les manifestations constitutionnelles n’apparaissent qu’à l’arrière-plan en quelque sorte, et sont réveillées par l’expérience de la vie....” (FREUD, 1962 p.8).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> “As manifestações constitucionais não aparecem senão em segundo plano, e são despertadas pela experiência da vida...” (FREUD, 1962 p.8).

A ordem na sucessão de etapas ou de manifestações biológico-genéticas está diretamente relacionada com a sucessão e a integração das questões que, numa determinada idade, tornam-se parte integrante da etapa subsequente. Também, deve-se levar em conta que as noções descritas por Wallon, Piaget e Freud, não obedecem a um sistema de justaposição, porém elas conformam uma estrutura de conjuntos por meio da formação da gênese, isto é, do que geneticamente encontra-se previsto e do que as circunstâncias ligadas ao meio favorecem.

Guiada pela afetividade, assim, e mediante a reorganização constante da pulsão que aflora, ora impulsivamente ora ordenadamente, sistematiza-se a progressão do curso de vida, por meio de inúmeras experiências na perspectiva da singularidade existencial de cada ser humano.

O desenvolvimento humano representa, assim, uma reorganização contínua dentro da unidade espaço-tempo, que opera no nível das ações, percepções, atividades e interações do indivíduo com o seu mundo, sendo estimulado ou inibido por meio das interações com diferentes participantes do ambiente da pessoa (DESSEN, 2005, p.11).

A progressão ou evolução do crescimento é fruto das condições biológicas herdadas, porém, o desenvolvimento está diretamente ligado às condições interacionais que o meio ambiente oferece.

Em cada ambiente social prima um ideal de ser humano e, por meio dele, estabelecem-se pautas de vida. É a herança histórico-cultural que se propaga, impondo situações específicas dentro de um espaço social e cultural determinado. Dessa forma, a unidade sexuada, que cada ser humano é ou representa, na tentativa de poder chegar a definir-se um ser humano sexuado, emerge como uma dinâmica de desenvolvimento, constituindo a linha central desse processo.

“La sexualidad es uno de los tantos desarrollos que comienzan con el nacimiento. Su evolución es peculiar y la concomitancia psíquica de este proceso es fundamental para una adaptación normal a la vida adulta.” (ISNARDI, 1970, p.206).<sup>5</sup>

Fenichel (1981, p.31) salienta que a origem do eu e a origem do senso da realidade são simplesmente dois aspectos de um mesmo espaço no qual a sexualidade, como explicitado por Isnardi (1970), constitui um dos principais fatores do desenvolvimento.

Essa concepção é inerente à definição do ego como aquela parte da psique que manipula a realidade. Para Fenichel, o conceito de realidade também cria o conceito de “eu” que possibilita, a cada ser humano, a condição de sentir-se pessoa, separado e diferente de outros seres humanos, mesmo que idêntico na sua condição biológico-humana. Ser diferente ou poder chegar a perceber-se diferente implica relacionar-se ou olhar-se igual a algo ou alguém.

O espaço subjetivo como também as relações sociais organizam-se no horizonte das possibilidades biológicas de cada ser humano. De outra forma, são as forças biológicas que, por meio do impulso instintivo, integram o sujeito à cultura, no marco da sua subjetividade. E, este entrelaçamento de diferentes componentes amplia a singularidade morfológica do ser humano, dando sentido existencial a sua presença no mundo.

Dessa forma, a sucessiva somatória de fatores que predisõem as características que, ao longo do processo de desenvolvimento do ser humano permitem confirmar a união solidária entre psicogênese e ambiente, determina a forma peculiar de ser de cada indivíduo.

Características são construídas através do processo sócio-histórico, que a espécie acumulou ao longo do processo do desenvolvimento filo-ontogenético, e que o ser humano canaliza por meio da experiência particular ou individual de cada sujeito, no seio de um determinado espaço sócio-cultural. Ou seja, reações, manifestações, signos, que despontam dando sentido a diferentes formas de perceber e perceber-se no mundo.

Assim, certas reações impulsivas, que aparecem ao longo do processo de desenvolvimento, devem ser percebidas pelo sujeito, por meio do quantum de afeto, no intuito de favorecer a

---

<sup>5</sup> “A sexualidade é um dos tantos desenvolvimentos que começa com o nascimento. Sua evolução é peculiar e a concomitância psíquica deste processo é fundamental para uma adaptação normal na vida adulta” (ISNARDI, 1970, p.206).

organização progressiva da sua autonomia que, indubitavelmente, está ligada à assimilação e acomodação à realidade que o envolve.

Nesse sentido, cabe ressaltar que, como expressa Piaget, mediante a repetição de alguma ação “satisfatória” ou através do que ele denomina “reações circulares”, o sujeito consegue reafirmar sua independência mediante a repetição de uma determinada ação que ele reconhece, percebe e experimenta com agrado, oportunizando a “diferença” que essa mesma ação teria para outro indivíduo.

Basta que estes movimentos sejam quais forem, tragam uma satisfação, para que sejam repetidos (reações circulares). Portanto, será durante o seu desenvolvimento posterior que essas reações circulares vão evoluir e a satisfação (que é a meta) se dissociará dos meios, graças aos quais atingiu sua finalidade (AJURIAGUERRA, 1985, p.25).

Progressivamente, assim, o sujeito aprende a conter os impulsos, diante de alguma manifestação contrária a sua forma de poder explicitá-lo, voltando-se contra as suas próprias manifestações instintuais, orientando a pulsão em relação à exigência encontrada diante de determinadas pautas sócio-culturais vivenciadas. É através da transformação da energia instintiva em contra-instintiva que se desenvolve o eu, isto é, a unidade ou centro da consciência que canaliza lembranças, pensamentos, idéias, sentimentos, em torno de preceitos morais e éticos, repassados pelo entorno.

O sujeito seleciona e controla o desejo, diante dos impulsos que, de forma sexuada, ou não, despontam ou afloram. Pode-se inferir que as forças que bloqueiam a descarga das tensões resultam da imposição que o ambiente exerce sobre o eu, organizando a necessidade de manifestação do prazer.

A idéia de fundamentar no prazer um princípio regulador do funcionamento mental está longe de ser própria de Freud. Fechner, cujas idéias sabemos até que ponto marcaram Freud, tinha também enunciado um “princípio de prazer da ação”. Diferentemente das doutrinas hedonistas tradicionais, ele entendia por isso, não que a finalidade procurada pela ação humana seja o prazer, mas que nossos atos são determinados pelo prazer ou pelo desprazer proporcionados *na atualidade* pela representação da ação a realizar ou pelas suas conseqüências. Observa igualmente que estas motivações podem não ser percebidas conscientemente “é mais do que natural que, quando os

motivos se perdem no inconsciente, isso se passe também com o prazer ou o desprazer (LAPLANCHE, 2000, p.364).

Dessa forma, por meio da dinâmica da evolução e do amadurecimento progressivo, o ser humano integra as forças contra-instintivas, ao longo do curso de vida, na tentativa de poder perceber-se um ser humano igual, e singularmente sexuado diferente dos outros.

O que nos permite inferir que, perceber-se homem ou mulher constitui uma forma de ser si próprio, ou seja, aquilo que define a identidade sexual de cada um na identidade grupal socialmente estabelecida.

Aquilo que cada um é e não os outros. Presença simples e objetivada de estar sendo no mundo que caracteriza uma determinada forma de ser aí, dentro de certas condições biológicas e que através de laços afetivos o sujeito canaliza por meio da representação individualizada.

A sexualidade, assim, não pode ser separada do componente biológico que define a peculiaridade corporal de cada sujeito, como também do desejo, da representação e do prazer, isto é, da finalidade, da meta por meio da qual o desejo é representado, vivenciado e aliviado.

Os desejos de satisfação das necessidades eróticas que a libido desperta são inicialmente difusos, localizando-se, primeiramente, em várias zonas erógenas e, a partir de certo momento, em zonas mais localizadas, como acontece na puberdade. A maneira de satisfação dos desejos é muito variada tanto na forma como na fórmula, evoluindo, paulatinamente, para a genitalização através do relacionamento sexuado. O que dá prazer, ou de que forma pode-se chegar a ele, depende de uma série de passos, numa longa seqüência de permissões e coações que as regras sociais, e as íntimas, consolidam mediante diferentes formas de estar no mundo.

[...] 'sexualidade' não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal de amor sexual (LAPLANCHE, 2000 p. 476).

Princípio que poderia ser também percebido de acordo com os conceitos desenvolvidos por Piaget quando faz referência, como anteriormente citado, aos processos contínuos de autorregulações, que implicam, ao mesmo tempo, em desequilíbrios e num constante dinamismo de equilibração. Isto é, diante da possibilidade de prazer, que a manipulação de alguma parte do corpo oportuniza levando o sujeito a repetir o movimento (reações circulares), completando a satisfação do desejo, que constitui sua meta.

Experiência que não constitui, necessariamente, uma atividade genital, porém que determina o grau de permissividade que o sujeito outorga às experiências que lhe oferecem prazer e que, lembrando a Wallon, se sustentam por meio da emoção e do afeto na construção progressiva da unidade psicomotora de cada indivíduo.

Freud, a esse respeito, considera as funções mentais como uma possibilidade de geração de elementos transformadores que, por meio de um sistema de marcas mnêmicas, que podem ser armazenadas na memória, no intuito de poder ser usadas pelo psiquismo, outorgam as capacidades internas do sujeito que possibilitam a observação, interpretação e determinação das suas atitudes e comportamentos diante de qualquer escolha decisória.

Ser aí ou ser si mesmo, constitui uma forma de ser ligado à condição de poder existir individualmente unido a outros seres no mundo.

“L’enfant ne sait que vivre son enfance”<sup>6</sup>, escreveu Wallon (1968, p.11) e, assim, ela recria o mundo por meio da sua experiência.

Experiência que, indubitavelmente, encontra-se ligada ao outro, uma vez que uma das principais tentativas do ser humano é colocar-se nos objetos do seu conhecimento, emprestando-lhes uma existência e uma imagem que ele faz de si mesmo.

Dessa forma, torna-se fácil entender o porquê da tentativa de fazer da criança um pequeno adulto em relação aos princípios éticos que são considerados adequados diante dos comportamentos sexuais, socialmente aceitos.

[...] combien cette tentation ne doit-elle pas être forte à l’égard d’un être que procède de lui et doit lui devenir semblable – l’enfant, dont il surveille, dont il guide la croissance et à qui il lui semble souvent bien

---

<sup>6</sup> “A criança não sabe que vive sua infância” (Wallon, 1968, p. 11).

difficile de ne pas attribuer des mots ou des sentiments complémentaires des siens (WALLON, 1968, p.11).<sup>7</sup>

Ou seja, o resultado da experiência humana de predeterminar os comportamentos considerados “civilizados” ou socialmente aceitos é fruto da autocoção. A autocoção está ligada à organização da vida em sociedade, isto é, da transformação de certos comportamentos individuais à luz dos comportamentos gerais que planificaram, ao longo da história da humanidade, o processo civilizador (ELIAS, 1994).

Opina Freud (1962) que a criança estabelece entre as diferenças sexuais que socialmente são estabelecidas e a satisfação daquilo que lhe brinda prazer, uma série de interrogações, diante das pautas sociais e culturais impostas que, na maioria das vezes, não são respondidas ao longo do seu curso de sua vida, complexificando seu cotidiano e delimitando sua auto-determinação, uma vez que, como expressa esse autor:

“Le premier problème que le préoccupe, en conformité avec son développement, n’est pas de savoir en quoi consiste la différence des sexes, mais la grande énigme: d’où viennent les enfants?” (FREUD, 1962, p.91)<sup>8</sup>

Entendemos, pelo exposto, que o enigma não está centrado na definição biológica, porém na procura da determinação afetiva de como fazer em relação a apresentação sexual que a vida lhe ofereceu.

Série infinita de questionamentos e de conflitos subjacentes que, por meio da construção progressiva da personalidade, vislumbram ou perfilam a sexualidade de cada ser humano, unindo aspectos ligados a emoção, aos sentimentos e ao conhecimento, como explicitam as idéias centrais da escola Walloniana, Piagetiana e Freudiana.

A interação indivíduo-ambiente, na organização dos comportamentos ligados às questões que se relacionam com a sexualidade, no intuito de poder cumprir a função que

---

<sup>7</sup> [...] como esta tentação não deve ser forte em relação a um ser que procede de si e deve-lhe ser semelhante – a criança, que ele cuida, guia o crescimento e a quem lhe parece muitas vezes bem difícil de não atribuir palavras ou sentimentos complementares aos seus (WALLON, 1968, p.11).

<sup>8</sup> “O primeiro problema que lhe preocupa, em conformidade com seu desenvolvimento, não é o de saber em que consiste a diferença dos sexos, porém no grande enigma: de onde vêm as crianças” (FREUD, 1962, p.91)?

socialmente pré-estabelece a cultura, constitui papel importantíssimo na definição da identidade sexual do sujeito, como também nas suas manifestações afetivas.

Dessa forma, compreendemos que, por meio da evolução progressiva de fatores genéticos, sócio-históricos e culturais, a ciência do desenvolvimento humano capacita a reflexão sobre a sexualidade humana, substituindo o conhecimento fragmentado e reducionista, oportunizando a contextualização global desse fenômeno mediante a relação entre metodologias.

### **Considerações finais:**

Guiados pela preocupação de poder inferir num espaço comum a todos os seres humanos, no qual também se insere o pesquisador, propúnhamos compreender a sexualidade humana, sob o viés conceitual da psicanálise, mediante a análise das mensagens encontradas nas teorias sobre a ciência do desenvolvimento humano, desenvolvidas por Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, na tentativa de chegar a responder a indagação que orientou o nosso percurso, isto é:

O que é a sexualidade humana?

Concluímos, compreendendo que a sexualidade constitui ou conforma a forma de ser de cada ser humano no marco referencial do seu projeto de vida, uma vez que crescer e madurar evolutivamente, tanto no nível somático como no psíquico, não podem ser separados das condições sociais e culturais integradoras, desse projeto, num determinado espaço histórico no qual a **adaptação**, a **acomodação** e a **assimilação**, no viés da **equilibração** e da **reversibilidade**, encontram-se sustentadas pelo componente motor que, através de determinadas posturas, oferece a oportunidade da expressão **emocional**.

Comprovamos assim, que nos conceitos desenvolvidos por Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, existe uma forte tendência em dar destaque à unidade dinâmica da evolução do ser humano, manifestando que a criança tende à realização do adulto como exemplo da espécie.

Nesse projeto, ou forma peculiar de **estar sendo no mundo**, as dimensões biológica, psicológica, social, cultural e existencial devem ser vistas por meio do processo de desenvolvimento, que, indubitavelmente, ordena a vida do ser humano, como também por meio das variadas formas de interação, que se estabelecem em relação a esse processo.

A estrutura psíquica, assim, afirma ou personaliza os investimentos em relação às questões internas e externas que, assimiladas e adaptadas, asseguram, por meio do quantum de afeto, isto é, da emoção e da motilidade, a percepção e a representação dos fatos vivenciados.

Dessa forma, compreende-se que a sexualidade manifesta-se através da emoção e da afetividade, passando a constituir, por meio da força impulsiva, a progressão do curso devida, através de inúmeras experiências, na perspectiva da singularidade existencial de cada ser humano.

Considerações finais que permitem concluir que nas concepções metodológicas que motivaram a indagação do pesquisador foram encontrados significados parciais para o fenômeno da sexualidade humana significando, no entanto, a forma de poder compreendê-la como: *o fruto da subjetividade de cada sujeito no seio das questões socializadas. Ou seja, uma forma de ser aí que, na espacialidade do mundo real vivido permite a existência de cada ser humano, sendo ele mesmo, numa condição particular-peculiar, em torno das inúmeras circunstancialidades que, ao longo do percurso de vida, consolidam o processo do seu desenvolvimento psicomotor.*

## Referências

AJURIAGUERRA, J. *Manual de psiquiatria infantil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1985.

AZEVEDO, Mario. *Notas sobre a teoria de Jean Piaget*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Educação, 1994.

DEMO, Pedro, Anotações de aulas da disciplina “Método”, Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2005.

DESSEN, M. A., COSTA, J., ANDERSON, L. *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ELIAS, N. *El proceso de la civilización: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.

FREUD, S. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2,1948.

FREUD, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Editions Gallimard, 1962.

HEIDEGGER, M. *Todos nós ... ninguém*. São Paulo: Moraes Ltda, 1981.

ISNARD, M. *La lucha por ser hombre*. Montevideo: Imprenta Letras, 1970.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MANNONI, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. 18. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

MORIN, Edgar: *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*, São Paulo, Cortez, 2000

PIAGET, J. *La psychologie de l'intelligence*. Paris: Armand Colin, 1972.

\_\_\_\_\_. *Biologia e conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.

*A Construção do Real na Criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

*A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

*A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências.* Trad. Isabel Cardigos dos Reis. Amadora: Bertrand, Vol. I, 1970.

*Aprendizagem e Conhecimento.* Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

*Biologia e Conhecimento.* Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.

*Conversando com Jean Piaget.* Rio de Janeiro: Difel, 1978.

*Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente.* São Paulo: Pioneira, 1976.

*Gênese das Estruturas Lógicas Elementares.* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

*O Nascimento da Inteligência na Criança.* Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

*O Raciocínio na Criança.* Trad. Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967.

RAVAGNI, E. *Desvelando o corpo humano.* Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1988.

*Desenvolvimento e Psicanálise,* Revista: Atualização Brasileira de Fisioterapia, Ano VII, Vol.VII, No..02 Abr/Maio/Jun, 1990

*Afetividade: Pressuposto de uma Educação de Qualidade?,*  
Revista Integração, Ministério da Educação e do Desporto, Ano 5 – Nº 12 1994

SCHINITMAN, Dora, F., *Nuevos Paradigmas, Cultura y Subjetividad;* Buenos Aires, Argentina; Piados, 1985

WALLON, H. *Los estadios en la psicología del niño.* Argentina: Lautaro, 1965.

\_\_\_\_\_. *L'évolution psychologique de l'enfant.* Paris: Armand Colin, 1974.

\_\_\_\_\_. *A evolução psicológica da criança.* Lisboa: Persona, 1981.

\_\_\_\_\_. *As origens do pensamento na criança.* São Paulo: Manole, 1989.

*De l'acte à la pensée,* Flammarion, Paris, 1942

*Les origines de la pensée chez l'enfant,* PUF, Paris, 1945, reed. 1963

## SEGUNDO ESTUDO

### AFETIVIDADE, SEXUALIDADE E O PERCURSO CIVILIZADOR

Eduardo Ravagni<sup>9</sup>

Elioenai Alves Dornelles<sup>10</sup>

#### Resumo:

O estudo abre o espaço à reflexão crítica sobre a análise das mensagens que, a partir dos conceitos desenvolvidos por Henri Wallon, em relação à emoção e à afetividade e sobre o nível de importância que elas assumem no processo do desenvolvimento do ser humano, permite vislumbrar a sexualidade como elemento constitutivo do estar sendo no corpo, por meio da autocoção. Tais mensagens, acreditamos, admitem dar significado aos significantes que interligam o sujeito às regras civilizadoras, mediante a análise dos condicionantes sociais e culturais que, ao longo do curso de vida, criam a dependência com certas regras civilizadoras, conformando o espaço propício na vinculação do sujeito, com certos protótipos corporais e sexuais. É pressuposição central deste estudo a consideração de que o ser humano aprende enquanto cresce, estabelecendo-se, dessa forma, as condições necessárias para sua vinculação com as regras morais e éticas que ordenam a vida e que determinam um suposto ideal de indivíduo sexuado, culturalmente concebido, de geração a geração. Em função dessa hipótese, foram identificados alguns temas que serviram de indicadores para a análise dos apontamentos pesquisados tais o conceito de autocoção, incluindo questões relacionadas ao papel do Outro, nesse processo, e o da importância da emoção-afetividade, considerada no viés do processo de consolidação desse espaço, geneticamente previsto segundo as idéias centrais do pensamento Walloniano. Assim, desvelam-se, ao longo do trabalho, as noções de instinto, força pulsional, conflito e impulso sexuado que, por meio de conceitos oriundos do espaço psicanalítico, tratam das questões referentes à sexualidade humana. O estudo conclui que sexualidade e afetividade caminham juntas, no limite da autocoção que o processo civilizador sedimentou ao longo do percurso histórico, mediante variados comportamentos social e culturalmente impostos.

**Palavras-chave:** afetividade, pulsão, autocoção, sexualidade humana.

---

<sup>9</sup> Eduardo Ravani – Professor da Universidade de Brasília-UnB.

SHIS QI. 27, Conjunto 04, Casa 10. Lago Sul. Brasília-DF. Cep. 71 675-040. [ravagni@uol.com.br](mailto:ravagni@uol.com.br)

<sup>10</sup> Elioenai Alves Dornelles – Professor da Universidade de Brasília-UnB.

UnB-Colina, Bloco H, apt. 205. Cep. 70 910-900. [elioenai@unb.br](mailto:elioenai@unb.br)

**Introdução:**

A importância que assumem os componentes socioculturais na modulação do instinto tem sido largamente abordada pela literatura contemporânea. Não apenas dentro do espaço restrito das ciências humanas e da psicanálise, porém também por meio de obras literárias e, fundamentalmente, nas ciências da saúde. Este tema tem fundamentado diversas formas de perceber o fenômeno da dependência do ser humano às regras civilizadoras.

À medida que se agrupam socialmente, os seres humanos estruturam seus modos de vida. Por meio de diferentes níveis de organização e em relação com determinadas pautas culturais e sociais, os comportamentos ligados, por exemplo, às questões da sexualidade, isto é, os comportamentos ligados à preocupação do indivíduo em torno do cuidado afetivo que ele mantém com sua corporeidade têm acompanhado o processo civilizador.

O conceito de civilidade ou de “civilité” traduz ou expressa uma formação social que engloba vários conceitos e que, unificado através da linguagem, neste caso o francês, na Europa do Século XVI, assumiu a importância que o percurso histórico lhe concedeu.

Esse termo recebeu o significado especial, que hoje conhecemos, através de um escrito de Erasmo de Rotterdam, citado por Elias, (ELIAS 1994 p.453).

O escrito em questão trata de uma coisa muito simples, isto é, da conduta das pessoas no espaço social e, de forma especial, sobre o que Erasmo entendia como: “o decoro externo do corpo”, ou seja, de como se comportar socialmente.

Rede de princípios que definiram e definem a forma de estar no mundo em relação a certas pautas sociais e culturais que ordenam os gestos, as posturas, a forma de se apresentar e de se relacionar com os outros seres no mundo.

A forma de controle e de vigilância dos comportamentos tidos como civilizados se une ao auto-controle que o indivíduo faz sobre si mesmo. Tanto um como outro tendem ao domínio do comportamento e das paixões, como explicita Elias (ELIAS 1994 p.458).

Ou seja, tanto o controle externo como o interno do corpo, suscitam uma continuada pressão sobre as manifestações afetivas, “y tratan de paliar las oscilaciones extremas en el comportamiento y en las manifestaciones afectivas” (ELIAS 1994 p.458)

Segundo comentários desse autor, a rede de ações que tendem ao processo civilizador se faz, por momentos, tão extensa e complicada no interior de cada pessoa que, junto aos controles conscientes que se consolidam no próprio indivíduo, desponta uma sorte de autocontrole automático e cego.

O indivíduo deve formatar sua estrutura psíquica, regulando seus impulsos e os seus comportamentos em todos os sentidos. Ele deve aprender a conter os impulsos, recalçando, por vezes, sua própria forma de orientar a pulsão por conta do dispositivo de controle e de vigilância social. Salientando que não devemos confundir impulso com pulsão. Impulso encontra-se ligado a instinto que, classicamente pode ser compreendido como o comportamento geneticamente herdado, próprio de uma determinada espécie animal e que pouco varia de um indivíduo a outro, processando-se numa seqüência temporal pouco variável, correspondendo a uma finalidade determinada.

Wallon, referindo-se a instinto e inteligência, comenta que: o que há de surpreendente no instinto são atos que têm seu fim ou seu resultado ligado com limites de tempo e de espaço que extrapolam por demais os da vida individual, por nunca terem podido pertencer à experiência do próprio sujeito (WALLON 1989).

Como comentado por esse autor, o impulso é a energia que instintualmente dirige as primeiras ações do indivíduo e que, como ele explicita ao longo dos seus trabalhos, pré-estabelecem o aparecimento de funções mentais mais elaboradas, por meio da inter-relação entre a emoção e o movimento, isto é, a experiência concreta.

Pulsão, no entanto constitui um: “Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta” (LAPLANCHE, 2000, p. 394).

Dessa forma, por meio do processo dinâmico que representa a pulsão, e pela experiência, o sujeito aprende enquanto cresce, como explicita o enunciado popular, permitindo-nos afirmar que a educação cria as condições necessárias para a dependência com as regras civilizadoras.

Aprender diz respeito à interação ou à vinculação do ser humano ao meio, mediante a consolidação dos comportamentos individuais aos culturais e vice-versa, uma vez que cada indivíduo registra sua presença, de forma participativa, no processo da aprendizagem.

Segundo Wallon,

“A dependência do pensamento com relação a seus comportamentos anteriores é muito marcada na criança. As situações e os problemas podem ser, pelo adulto, afastados de toda contingência intelectual. Como a criança, pelo contrário, a atividade mental não pode, freqüentemente, explicar-senão sob o ponto de vista de sua atividade total, mesmo as situações intelectuais permanecem pessoais” (Wallon 1989 p.74)

Assim, compreende-se que experiência pessoal encontra-se, direta ou indiretamente, ligada à experiência cultural do(s) outro(s) que lhe influencia(m) nesse percurso, uma vez que, como é sabido, o ser humano nasce imaturo, necessitando da participação do Outro ao longo do processo de desenvolvimento.

Sob esse viés de análise, percebemos que toda relação por mais simples que ela se apresente, em termos de aprendizagem, é coercitiva, exigindo um constante controle ou domínio das manifestações afetivas do sujeito, no intuito de poder dominar o impulso e orientar a sua pulsão.

Nesse processo de autoção, os comportamentos devem ser reavaliados constantemente pelo sujeito, no intuito de poder ponderar as conseqüências das suas ações, comparando-as com outras vivenciadas anteriormente, regulando dessa forma seu instinto e oportunizando o despontar da importância do Outro nesse processo.

En este caso no son las funciones de los adultos las que inculcan directamente esta represión y esta regulación constante de los impulsos y de los afectos en los individuos, sino que los adultos enseñan los modos

de comportamiento adecuado a los niños parcialmente de modo automático y parcialmente de modo consciente, por medio de sus propias formas de comportamiento. Desde su primer infancia se acostumbra al individuo a observar la contención y previsión sistemáticas que precisará para su función de adulto. (ELIAS 1994 p. 458/459)

Entendemos, assim, mediante a explicitação de Elias, que o processo de adequação do ser humano à vida em sociedade pressupõe a incorporação gradativa dos comportamentos universais, no individual. Cada membro de um grupo identifica-se, ou é identificado pelos demais membros desse grupo, em relação a certas características que o grupo sustenta ou defende. Estabelecendo-se, por tanto, uma extensa condição de dependência, uma vez que, como ainda reforça Wallon,

“Enquanto o progresso realizado pelo adulto é fazer passar ao primeiro plano, e, freqüentemente de forma exclusiva, o objeto de suas reflexões, para a criança, o objeto permanece, com mais freqüência subordinado ao conjunto de suas reações efetivas” (Wallon 1989 p.74)

Todos esses mecanismos nos levam a compreensão de que não apenas modificam-se as formas individuais do comportamento, ao longo do processo adaptativo, modifica-se, também, o impacto social desse comportamento, através das atitudes de autocontrole que cada membro do grupo sustenta e/ou operacionaliza. Auto-educando as emoções, por meio do domínio dos afetos e mediante a censura das manifestações pulsionais, o sujeito passa a conquistar o espaço comum aos outros componentes de um determinado grupo.

Para Freud, a censura é uma função permanente ou uma forma de barragem do sistema inconsciente pré-consciente que, indubitavelmente, abre margem a diferentes tipos de recalque (LAPLANCHE, 2000, p. 64).

Compreendendo o recalque como a forma por meio da qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações, tais como, pensamentos, imagens, recordações, etc., ligadas a uma determinada pulsão. “O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências” (LAPLANCHE, 2000, p. 430).

A acessibilidade aos valores sociais, culturais e, por que não, também morais, reforçam a necessidade de identificação com um modelo socialmente imposto, na busca do espaço pessoal, fazendo uso da censura.

O paradoxo pulsional de sentir e frear ou de frear e sentir acompanha a vida do ser humano no intuito da descarga ou da compulsiva retenção da manifestação pulsional que instintivamente aflora em nível corporal e que define a representação sexuada, por exemplo, que cada sujeito faz de si e dos outros.

A auto-vigilância, a manifestação instintiva ao comportamento herdado, próprio da espécie animal que pouco varia de um indivíduo para outro e que pode corresponder a uma finalidade, desponta desde a mais tenra idade dando sentido a censura como requisito das pautas sociais que exigem cuidado por meio do sentido do autocontrole ou do “super-eu” que sublima as ações.

Sublima-se a pulsão, isto é, desloca-se ou deriva-se a ação da sua meta para um novo objetivo, na tentativa de poder situar-se diante da valorização social que a re-acomodação do(s) comportamento(s) exige e viabiliza.

Dessa forma, no prolongamento das seqüências que acompanham o desenvolvimento do ser humano, o sujeito aprende a dominar-se por meio da vinculação progressiva a outras pessoas limitando, no entanto, progressivamente, a oportunidade de poder satisfazer diretamente suas inclinações e impulsos no tocante a sua sexualidade.

### **Objetivo, Justificativa**

Constitui objetivo deste trabalho o de poder chegar a desvelar, no escopo da afetividade, o espaço da sexualidade humana por meio da análise crítica das idéias desenvolvidas por Henri Wallon e por outros autores, que mantém com essa área de estudo laços de referência.

Justifica-se o estudo deste assunto pela importância que ele apresenta no espaço da pedagogia inclusiva e da psicomotricidade, áreas nas quais o pesquisador desenvolve estudos e atividades terapêutico-educacionais.

## **Material e métodos**

A metodologia utilizada na execução deste trabalho iniciou-se por meio de uma revisão bibliográfica, que buscou, na literatura existente, informações disponíveis e relevantes sobre a afetividade e a sua relação com a conformação do espaço sexuado no ser humano.

Em seguida, por meio da análise crítica das informações encontradas no material bibliográfico, buscou-se evidenciar os indicadores que permitissem inferir sobre outra realidade, e não apenas naquelas encontradas nas mensagens analisadas, no intuito de poder elucidar uma nova abordagem para o fenômeno da sexualidade, dentro do viés que oferece a afetividade.

Dessa forma, por meio da decodificação do material pesquisado, inferiu-se os conceitos analisados, isto é, os relacionados com a afetividade e a sexualidade, elucidando uma nova abordagem para o fenômeno da sexualidade, dentro do viés que proporcionam os conceitos elaborados por Henri Wallon e que despontaram na sua importância, diante da necessidade de poder aprofundar a complexidade que a relação afetividade-sexualidade apresenta.

## **Afetividade e diferenciação anatômica**

As diferenças entre os sexos, do ponto de vista da sua morfologia, são inegáveis. O aparelho genital masculino é externo, apresentando as características de um órgão penetrante que exige uma atitude ereta, isto é, permanentemente ativa.

O feminino, no entanto, se apresenta receptivo e totalmente secreto ou “guardado”, podendo chegar a ser considerado “passivo”.

Estas diferenças estão associadas a conformações endócrinas, morfo-anatômicas e psíquicas bem diferenciadas que nos reportam às especificidades que, desde os primórdios do desenvolvimento individual, acompanham a vida do ser humano.

Dessa forma, considerando que a libido constitui a energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas). (LAPLANCHE, 2000 p.266), entendemos que a maneira da satisfação dos desejos

é muito variada, tanto na forma como na fórmula, evoluindo, paulatinamente, da erotização do objeto - bico do seio, chupeta, pedaço de pano, brinquedo etc. - à operacionalização do relacionamento sexual, mediante a aceitação ou não de certas pautas sociais, impostas ao longo do processo civilizatório.

Os comportamentos instintivos constituem a base da sexualidade e, quando reprimidos, sob interdições impostas pelo próprio indivíduo ou estabelecidas sócio-culturalmente, ocasionam diferentes níveis de recalques. Entendendo por recalque o termo que Freud utilizou como fato clínico, isto é, quando do tratamento dos histéricos observando que as lembranças não estavam disponíveis para os pacientes, mas conservavam, quando descobertas ou trazidas à consciência, toda sua vivacidade e importância.

A organização dos comportamentos sexuais, assim, representa uma determinada forma de vivenciar o recalque, no intuito de poder cumprir a função que socialmente pré-estabelece a cultura, isto é, apresentar condutas compatíveis com a masculinidade ou a feminilidade, morfo-anatomicamente e socialmente estipuladas.

Coação social que exerce papel importantíssimo na manifestação dos afetos, limitando, às vezes, alguma determinada opção sexual pessoal, sendo esta “recalcada” sob pena de não poder ser manifestada espontaneamente.

Cuando hoy día reflexionamos sobre la estructura de las emociones humanas y de su control, y cuando tratamos de elaborar teorías acerca de ellas, solemos creer que las observaciones sobre los seres humanos contemporáneos en las sociedades desarrolladas constituyen un material empírico suficiente. Esto es, partimos descuidadamente del supuesto de que resulta posible construir teorías generales sobre las estructuras emotivas y de control del hombre en cualquier sociedad, tomando como fundamento investigaciones sobre las estructuras emotivas y de control de seres humanos en una fase específica del desarrollo social, de seres humanos de nuestra propia sociedad como se nos presentan aquí y ahora (ELIAS, 1994, p. 9).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Quando atualmente refletimos sobre a estrutura das emoções humanas e do seu controle, e quando tratamos de elaborar teorias sobre elas, acreditamos que as observações sobre os seres humanos contemporâneos nas sociedades desenvolvidas constituem um material empírico suficiente. Isto é, partimos descuidadamente da suposição de que é possível construir teorias gerais sobre as estruturas emotivas e de controle do homem em qualquer sociedade, tomando como fundamento investigações sobre as estruturas emotivas e de controle de seres humanos numa fase específica do desenvolvimento social, de seres humanos de nossa própria sociedade como se nos apresentam aqui e agora (ELIAS, 1994, p. 9).

Como comentado por Elias, não podemos levemente considerar que as pautas sociais que estabeleceram os comportamentos sexuais no século XVI, sejam os mesmos que imperam ainda na nossa sociedade organizada do século XXI.

O que dá prazer ou de que forma pode-se chegar a ele, depende, indubitavelmente, de uma série de passos, numa longa sequência de permissões e coações que as regras sociais e as íntimas consolidaram ao longo da história do processo civilizador, porém que a forma pessoal de tentar satisfazer os desejos reverte, no espaço restrito da individualidade de cada sujeito. Não é apenas a imposição social que limita o prazer. A autocensura que cada sujeito elabora em cima dos comportamentos por ele considerados adequados ou não, dentro de um determinado rol de permissões e interdições pessoais e socialmente impostas, determina suas opções de índole sexual.

Dessa forma, e de acordo com certos conceitos defendidos por Henry Wallon e reafirmados por Jean Piaget, em relação ao processo do desenvolvimento humano, o afeto e a representação viabilizam ou oportunizam diferentes formas de reagir diante dos acontecimentos.

Les émotions consistent essentiellement en systèmes d'attitudes qui, pour chacune, répondent à une certaine espèce de situation. Attitudes et situation correspondante s'impliquent mutuellement, constituant une façon globale de réagir qui est de type archaïque, et fréquente chez l'enfant » (WALLON, 1968, p. 123)<sup>12</sup>

As influências que afetivamente circundam a vida do ser humano fundamentam-se, como expressou Wallon (1968), na emoção, oportunizando diversas formas de representação associadas a cada situação compartilhada e/ou a cada estado emocional vivenciado.

L'être humain est plongé dès sa naissance dans un milieu social, qui agit sur lui au même titre que le milieu physique. Plus encore, en un sens, que le milieu physique, la société transforme l'individu en sa structure même, parce qu'elle ne le contraint pas seulement à reconnaître des faits, mais elle lui fournit un système tout construit de signes, qui modifient sa

---

<sup>12</sup> As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que, para cada uma {criança}, responde a uma certa espécie de situação. Atitudes e situação correspondente se aplicam mutuamente, constituindo uma forma global de reagir que é de tipo arcaico, e frequente na criança (WALLON, 1968, p. 123).

pensée, elle lui propose des valeurs nouvelles et lui impose une suite indéfinie d'obligations (PIAGET, 1967, p. 167).<sup>13</sup>

Dessa forma, como explicitam esses dois autores, as influências sociais operam sobre o indivíduo, na mesma proporção que o meio físico, uma vez que elas oferecem um sistema construído de signos que, em certa dimensão, pré-moldam as atitudes ligadas aos componentes anatômicos que biologicamente, se aceite ou não, determinam a forma de ver o sexo.

Ser portador de uma determinada “forma” anatômica viabiliza as manifestações afetivas que, sobre essa região do corpo, cada indivíduo faculta, com base na representação das percepções que delas nascem.

Dentro desse mosaico perceptivo, a vida do sujeito é orientada por meio da pulsão, isto é, mediante a energia que impulsiona o ser humano a uma determinada meta, dentro da qual a representação das manifestações sexuadas ocupa lugar privilegiado por conta da necessidade humana de poder chegar a se reconhecer no espaço de poder chegar a ser si mesmo que, indubitavelmente, a morfologia corporal ajuda a elaborar.

Processo dinâmico, segundo a Psicanálise, ou fator de motricidade, segundo Wallon (1968) que, por meio da pulsão, orienta a vida.

O componente afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, afirmativo ou prazeroso, indica a maneira como cada sujeito situa, interpreta e percebe a relação com seu corpo, biologicamente previsto, e com a sexualidade. Paisagem na qual ele se situa por meio da subjetividade, na perspectiva infinita que o mundo apresenta, diante dos seus desejos, e que o compromisso com as regras civilizadoras, de uma ou de outra forma, regula.

---

<sup>13</sup> O ser humano está submerso desde seu nascimento em um meio social que age sobre ele na mesma proporção que o meio físico. Mais ainda que o meio físico, a sociedade transforma o indivíduo, em sua mesma estrutura, porque ela não o capacita apenas no reconhecimento dos fatos, mas ela lhe oferece um sistema construído de signos, que modificam seu pensamento. Ela lhe propõe valores novos e lhe impõe uma série indefinida de obrigações (PIAGET, 1967, p.167).

## **A afetividade na organização do Ego**

A afetividade, segundo a psicanálise, é um termo que nasce da psicologia alemã e que exprime qualquer estado afetivo, quer se apresente sob forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral, como expressa a psicanálise.

Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação, e o afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações, segundo Laplanche (LAPLANCHE, 2000 p.09).

Dentro dessa perspectiva, Fenichel (1981) salienta que os fenômenos psíquicos derivam do interjogo das forças que exigem motilidade e não motilidade, respectivamente. Ou seja, derivam do interjogo da energia que, como descarga maciça ou como tonalidade geral, especifica o desenho afetivo da expressão motora. “O organismo está em contato com o mundo exterior no início e no fim dos seus processos reacionais, os quais começam com a percepção dos estímulos e terminam com a descarga motora ou glandular” (FENICHEL, 1981, p. 13).

Nas primeiras fases do processo do seu desenvolvimento psicomotor, a criança reage aos estímulos que atuam sobre sua unidade, mediante reações posturais de desagrado, tencionando as diferentes partes do seu corpo, ou, pelo contrário, de satisfação, relaxando e atingindo graus visíveis de completude.

No meio onde vive, os outros seres humanos interpretam essas reações na tentativa de auxiliar a criança em face da tensão observada, uma vez que, durante o período inicial do seu desenvolvimento, o bebê humano não apresenta funções psíquicas suficientemente amadurecidas que possam mediar suas experiências.

A Psicanálise considera que a consciência, a apreensão do mundo, a percepção, o controle dos movimentos corporais e a capacidade de segurar tensões por meio de contracatexias, não operam de forma satisfatória nas primeiras fases do desenvolvimento do ser humano. Considera-se contracatexia a projeção de energia pulsional que opera, em nível corporal, no intuito de poder defender o sujeito diante das suas próprias manifestações instintivas.

Essa energia está ligada ao auto-cuidado em relação a valores e idéias que operam em nível do Superego.

Assim, quando o bebê se sente invadido por estímulos, gera respostas corporais, a fim de aliviar as tensões experimentadas. Descarga constante de impulsos que retro-alimentam a percepção da unidade corporal e psíquica por meio da organização progressiva do Ego.

Na construção deste espaço psíquico, o processo primário e o secundário, em nível pré-consciente e inconsciente, ordenam à energia urgente que os impulsos instintivos tendem rebaixar por meio da diminuição da tensão mediante atitudes ou comportamentos que, na maioria das vezes, podem ser erroneamente compreendidos como agressivos ou hostis.

O processo primário caracteriza o sistema inconsciente que se transforma em processo secundário através da capacidade de seleção, percepção e organização dos estímulos e impulsos, possibilitando o aparecimento da discriminação consciente na organização do Ego.

O objetivo do material inconsciente é a descarga atemporal e ilógica da tensão. O componente primário, que lhe corresponde, manifesta-se desde as fases iniciais do desenvolvimento, enquanto que os secundários se formam gradualmente, no transcurso do tempo, interpondo-se aos primários, refreando-os ou mediando-os ao longo do curso de vida, isto é, mediante um processo “secundário” de autocoação.

Assim sendo, se por um lado, a excitação primária do bebê consegue ser acalmada pela intervenção do adulto, através da possibilidade de conforto que brinda a afetividade, por outro lado, essa intervenção movimenta conteúdos primários pela imposição de horários, dos rigores da vestimenta, do asseio periódico ou das posturas convencionais utilizadas no aleitamento, no sono ou na higiene pessoal, entre outros.

Quando nasce, o organismo emerge de ambiente relativamente tranqüilo para entrar num estado de estimulação esmagadora com um mínimo de proteção contra os estímulos, é uma inundação de excitação, sem aparelho defensivo adequado, que, segundo Freud, constitui o modelo para toda a angústia futura (FENICHEL, 1981, p. 30).

A fome, o calor ou o frio, entre outras situações perturbadoras, incidem sobre o estado de controle que o bebê experimenta enquanto relaxa e dorme, favorecendo o aparecimento da tensão, da excitação e, concomitantemente, da angústia.

A criança, segundo Wallon, (WALLON, 1989, p.75), não tem ponto de vista pessoal, nas primeiras fases do seu desenvolvimento, ou então ela os faz valer de forma impulsiva e maciça.

Os primeiros traços de consciência diante do mundo não se operam na diferenciação do “eu” ou “não eu”, e, sim, diante do maior ou menor estado de tensão, em nível corporal.

O processo de incorporação e de sistematização de algumas pautas, que o cuidado ou auxílio do adulto acarreta diante da imaturidade do bebê, permite formar os primeiros níveis de consciência, em torno das possibilidades sexuadas do corpo, por meio da capacidade de organizar e reutilizar as recordações.

As necessidades primárias do bebê criam o vínculo, não apenas dele com o adulto, porém dele com seu corpo e com o que esse corpo representa nessa relação.

Indiscutivelmente não cuidamos ou não manuseamos do mesmo jeito o corpo de uma menina que o corpo de um menino facultado, dessa forma, formas diferentes de sentir e de se adaptar as sensações que emanam dessa relação. Uma vez que, se fosse possível atender a toda necessidade imediatamente e da mesma forma, sem considerar a importância das diferenças biológicas, talvez nunca se desenvolvesse a concepção da realidade que une a criança ao mundo. (FENICHEL, 1981, p.30).

Desprende-se disto que as forças que bloqueiam a descarga das tensões resultam da imposição que exerce o ambiente sobre o Ego.

[...] é a consideração da realidade que impede o Ego de satisfazer imediatamente a tendência à descarga dos impulsos, se bem que todas as tendências inibidoras desta ordem, que, por definição, derivam do Ego, não sejam em todos os particulares opostas aos “impulsos instintivos”. A energia com que o Ego realiza as suas atividades instinto-inibidoras é tirada do reservatório instintivo do Id (FENICHEL, 1981, p.15).

Percurso evolutivo que não pode ser percebido mecanicamente nem considerado superficialmente, uma vez que as inúmeras relações que esse processo aponta, no viés do espaço psicomotor e dentro do qual a sexualidade ocupa lugar de privilégio, deve ser compreendido no ambiente da dinâmica da organização do Ego.

“... conflitos intersistêmicos entre diferentes instâncias ou intra-sistêmicos, entre pulsões contraditórias originadas dentro de uma mesma instância”. (AJURIAGUERRA, 1985, p.34)

### **Afetividade e singularidade sexuada**

Torna-se desnecessário reforçar a importância que assume o afeto diante das sensações internas e externas que a diferenciação morfológica sexuada aponta, no corpo do sujeito.

Segundo os enunciados da psicanálise, Id, Ego e Superego constituem as três instâncias ou sistemas da personalidade, que associam, por meio da complementaridade das suas dinâmicas, a unidade pessoal do sujeito, a menos que se admita que existam conflitos. Salientando que conflito, no presente trabalho, não se refere a patologias, porém às exigências internas contrárias que se opõem, no sujeito, diante das decisões que os acontecimentos exigem. (LAPLANCHE, 2000 p.89).

O conflito manifesta-se diante da contradição do desejo e da exigência moral, por exemplo, ou entre dois sentimentos contraditórios, tais o amor e o ódio. Ele é constitutivo do ser humano em relação a diversas perspectivas, como salienta Laplanche – “conflito entre o desejo e a defesa, conflito entre os diferentes sistemas ou instâncias, conflitos entre as pulsões, e por fim o conflito edipiano, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição” (LAPLANCHE, 2000 p.89).

Dessa forma, compreende-se que seria utópico não ressaltar ou dar pouca ou nenhuma importância ao conflito, salientando esta ou aquela forma de entender a sexualidade.

Tornar-se pessoa predetermina o conhecimento de si mesmo, ou seja, perceber-se biologicamente igual, sendo homem ou mulher, porém emocionalmente diferente a outros homens ou mulheres, se assim o sujeito o perceber.

A anatomia define as características morfo-sexuadas de cada ser humano, porém a utilização dessas características anatômicas, ou melhor, biologicamente previstas, depende de como o ser humano interliga o afeto a representação que ele estabelece sobre sua forma de ser e de representar os fatos associados a sua unidade psicomotora.

No mesmo sentido que outras manifestações, reguladas pela afetividade, a sexualidade passa a ser resguardada, pelo sujeito, na sua tentativa de poder ser com os outros, mesmo na singularidade da sua opção sexual, uma vez que não poderíamos deixar de reconhecer que; “Al igual que muchas otras manifestaciones instintivas, también la sexualidad queda confinada de un modo cada vez más exclusivo en un enclave social determinado...” (ELIAS, 1994, p. 226).<sup>14</sup>

A reprodução dos costumes e dos seus condicionamentos sociais não é operacionalizada de forma particular nesta ou naquela família, formando parte de um arcabouço de permissões e interdições que se acumularam, com base na afetividade, ao longo da história da civilização, como aponta esse autor.

De tal modo, percebemos que o desenvolvimento da sexualidade individual, no espaço coletivo, acontece de forma controlada, e poderíamos falar que o controle e a vigilância dos comportamentos sociais exercem pressão continuada e regular sobre os indivíduos, no intuito de poder reprimir as manifestações espontâneas. Isto é, exigem o aparecimento do recalque, como medida preventiva, diante de alguma manifestação sexuada considerada fora dos determinantes estipulados pela “civilidade”.

“La autocoacción a que se somete aquí el individuo, la lucha contra el propio cuerpo, no es menos intensa y unilateral, menos radical y apasionada que su contrapartida, esto es, la lucha contra los demás, o el disfrute de los placeres.” (ELIAS, 1994, p. 458).<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Igual a muitas outras manifestações instintivas, também a sexualidade fica confinada de um modo cada vez mais exclusivo num círculo social determinado (ELIAS 1994, p.226).

<sup>15</sup> “A autocoação a que se submete aqui o individuo, a luta contra o próprio corpo, não é menos intensa e unilateral, menos radical e apaixonada que sua contrapartida, isto é, a luta contra os outros, ou o desfrute dos prazeres” (ELIAS, 1994, p. 458).

“Não mexa”, “não pegue”, “não toque ou não utilize, dessa forma, esta ou aquela parte do seu corpo”, etc., constituem pautas que devem ser percebidas e assimiladas, pelo sujeito, dentro de um espaço representativo que, por meio do recalque, acomoda o ser humano ao mundo e o mundo ao ser humano. Ou seja, só pode ser ponderado e concebido aquilo que as pautas culturais aceitam como modo correto de vida, delimitando a experiência do sujeito. No espaço dos costumes que culturalmente e socialmente foram estabelecidos como proposta de vida, a experiência pessoal torna-se fruto da experiência dos outros.

Dessa forma, mesmo no início do século XXI, os comportamentos afetivos ligados a sexualidade, ainda são coordenados por discursos emancipatórios do que se deu em reconhecer como “liberdade do sexo” não constituindo, ainda, um direito inclusivo.

Para exemplificar nosso ponto de vista, utilizamos as palavras de Foucault salientando que,

A interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários com relação a essa grande sujeição: maneiras de torná-la moralmente aceitável e tecnicamente útil (FOUCAULT, 2006, I p.27).

O comportamento sexual encontra-se diretamente relacionado a essa experiência excludente, uma vez que a reafirmação da auto-estima ou da tomada de consciência da imagem que, corporalmente, cada sujeito deve veicular no espaço social, deve, ainda, permanecer moldada a uma determinada forma cultural do que é ser homem ou mulher.

En este caso no son las funciones de los adultos las que inculcan directamente esta represión y esta regulación constante de los impulsos y de los afectos en los individuos, sino que los adultos enseñan los modos de comportamiento adecuado a los niños parcialmente de modo automático y parcialmente de modo consciente, por medio de sus propias formas de comportamiento. Desde su primera infancia se acostumbra al individuo a observar esa contención y previsión sistemáticas que precisará para su función de adulto (ELIAS, 1994, p. 458-459).<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Neste caso não são as funções dos adultos que causam diretamente esta repressão e esta regulação constante dos impulsos e dos afetos nos indivíduos, senão que os adultos ensinam os modos de comportamento adequado às crianças parcialmente de modo automático e parcialmente de modo consciente, por meio de suas próprias formas de comportamento. Desde sua primeira infância acostuma-se o indivíduo a observar essa contenção e previsão sistemática que precisará para sua função de adulto (ELIAS, 1994 p. 458-459).

Através dessa forma dinâmica e complexa de evolução, na qual a autocoação determina a contenção e regulação dos comportamentos da vida instintiva, comenta Elias que as pautas sociais e o autocontrole automático dos instintos transformam-se, passo a passo, por meio de esquemas e modelos aceitáveis para cada sociedade, num Superego mais diferenciado e estável, colocando fora de cogitação qualquer inclinação ou movimento instintivo que se situe fora desses padrões.

Torna-se inegável o papel que o afeto desempenha na coação e na conformação do espaço da sexualidade humana, pois são coações pacíficas que o meio exerce sobre o indivíduo e que se fundem na sua personalidade. Porém, sem afeto, compreendemos, não haveria interesses, necessidades, nem motivações. A afetividade regula o instinto e dirige a pulsão, tornando o ser humano, por vezes, um dependente, pacífico ou revoltado, diante dos mitos que circundam a sexualidade no ser humano.

Para falar de sexo foi necessário aceitar o mecanismo coercitivo num longo processo no qual as pautas civilizadoras impuseram diferentes graus de interdições que apenas as necessidades de natureza econômica ou política poderiam suprimir abrindo o espaço ético no discurso sobre o sexo. Porém, sempre limitados e cuidadosamente codificados, os discursos sobre o sexo omitem a importância da ética e apenas lembram os códigos morais que ordenam a vida em sociedade, esquecendo a importância da afetividade, isto é, da expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações que o indivíduo interpõe entre si e os outros, nos atos do seu cotidiano, dentre os quais ressaltamos, neste trabalho, os relacionados à sexualidade.

O afeto brinda à possibilidade de poder – no escopo da característica biológica de cada sujeito – encontrar o espaço adequado a satisfação do seu desejo.

### **Considerações finais:**

Mesmo podendo ser considerada semelhante em todos os indivíduos, por conta das especificidades anatômicas, a sexualidade humana apresenta uma notável complexidade em relação ao processo afetivo-emocional de perceber-se uma pessoa semelhante porém singularmente diferente das outras pessoas. Tal complexidade exige uma compreensão mais ampla na consideração afetiva que cada ser humano dela faz, quando simboliza seus

comportamentos por meio da sua forma de estar sendo no mundo. Ou seja, as múltiplas maneiras que o ser humano vive e pode viver por meio de diferentes relacionamentos e que o componente afetivo sustenta. Afetividade constitui o conjunto de sentimentos, de emoções e, por que não, de paixões que o sujeito elabora em relação a sua unidade psicomotora. No curso de vida, as realizações motoras e as possibilidades psíquicas e emocionais, não se separam jamais, evoluindo de forma indissociável. É a afetividade que possibilita as relações inter-humanas, que unem o sujeito ao meio, determinando a forma de como atuar ou representar diante das questões ligadas à sua sexualidade.

## Referências

- AJURIAGUERRA, J. *Manual de psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1985.
- ELIAS, N. *El Proceso de la civilización*. Investigaciones sociogenéticas e psicogenéticas.:México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. São Paulo: Atheneu, 1981.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. São Paulo: Graal, 2006. 2 v.
- HEIDEGGER, M. *Todos nós ... ninguém*. São Paulo: Moraes Ltda, 1981.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- MANNONI, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. 18. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- PIAGET, J. *La psychologie de l'intelligence*. Paris: Armand Colin, 1972.
- A Construção do Real na Criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.
- A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências*. Trad. Isabel Cardigos dos Reis. Amadora: Bertrand, Vol. I, 1970.
- Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.
- Biologia e Conhecimento*. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.
- Conversando com Jean Piaget*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- Gênese das Estruturas Lógicas Elementares*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- O Nascimento da Inteligência na Criança*. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

*O Raciocínio na Criança*. Trad. Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967.

RAVAGNI, E. *Desvelando o corpo humano*. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1988.

*Desenvolvimento e Psicanálise*, Revista: Atualização Brasileira de Fisioterapia, Ano VII, Vol.VII, No..02 Abr/Maio/Jun, 1990

*Afetividade: Pressuposto de uma Educação de Qualidade?*, Revista: Integração, Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial, ANO 5 – nº 12 – 1994.

WALLON, H. *Los estadios en la psicología del niño*. Argentina: Lautaro, 1965.

\_\_\_\_\_. *L'évolution psychologique de l'enfant*. Paris: Armand Colin, 1974.

\_\_\_\_\_. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Persona, 1981.

\_\_\_\_\_. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1989.

*De l'acte à la pensée*, Flammarion, Paris, 1942

*Les origines de la pensée chez l'enfant*, PUF, Paris, 1945, reed. 1963

## TERCEIRO ESTUDO

### IDENTIDADE, SEXUALIDADE, NO VIÉS CORPORAL

Eduardo Ravagni<sup>17</sup>

Elioenai Alves Dornelles<sup>18</sup>

#### Resumo

O presente estudo procura evidenciar – por meio de diferentes indicadores contidos nas mensagens: corporeidade, identidade, sexualidade –, a relação qualitativa que une a constituição biológica ao espaço psicoemocional, no viés da progressão da identidade pessoal. O estudo salienta, por meio de análise crítica de algumas formas de observar o fenômeno da constituição sexuada do ser humano, que a sexualidade não pode ser definida apenas pelo sexo. A sexualidade, compreende-se ao longo do trabalho, não pode ser separada dos componentes físicos nem dos aspectos psicológicos, éticos, morais, sociais e culturais que facultam a elaboração da identidade por meio da corporeidade. Chega-se a entender, ao longo do trabalho, mediante análise qualitativa das informações que no processo despontam, e em relação às considerações que a psicanálise tece sobre o processo de desenvolvimento da personalidade, que a mensagem masculino–feminino ultrapassa o biologicamente determinado, abrindo o espaço à compreensão de que na diferenciação e na similitude cada ser humano encontra sua própria maneira de construir sua identidade. A percepção de si mesmo, como um ser humano igual e diferente a outros seres humanos abre margem às especificidades pessoais, permitindo-nos inferir que a peculiaridade de sentir-se dono do corpo brinda a possibilidade de identificação sexuada, por meio da consideração do próprio corpo como um objeto que ocupa, na experiência de cada sujeito, um lugar privilegiado, revestido de singulares significados e significantes. Conclui-se, assim, compreendendo que, mediante a aceitação da sua imagem em relação a um ideal de Ego por ele subjetivado, o ser humano corporiza sua identidade no escopo da sua sexualidade.

**Palavras-chave:** corporeidade, identidade, sexualidade.

---

<sup>17</sup> Eduardo Ravagni – Professor da Universidade de Brasília-UnB.  
SHIS QI 27, Conjunto 04, Casa 10. Lago Sul. Brasília-DF. Cep: 71 675-040. [ravagni@uol.com.br](mailto:ravagni@uol.com.br)

<sup>18</sup> Elioenai Alves Dornelles – Professor da Universidade de Brasília-UnB.  
UnB Colina, Bloco H, apt. 205. Brasília-DF. Cep: 70 910-900. [elioenai@unb.br](mailto:elioenai@unb.br)

## Introdução

Seria utópico querer abordar a sexualidade humana isoladamente, uma vez que ela é parte de um processo contínuo que se inicia na concepção e percorre todo o ciclo de vida do sujeito, recebendo influência, direta e constante, de múltiplos fatores tais como o biológico, fisiológico, emocional, social e cultural.

A complexidade do ser humano, em relação às relações que biologicamente e emocionalmente o inserem num determinado espaço social e cultural, determina uma forma peculiar de entender ou perceber o fenômeno da sexualidade.

Neste estudo, o pesquisador encontra-se diretamente imbricado no contexto analisado e, assim, a abordagem que ele propõe subverte as questões específicas do que se denomina – gênero – uma vez que, como constructo elaborado por algumas metodologias, a interpretação e utilização dessa terminologia, deriva das dimensões que se pretendem ressaltar.

Dessa forma, o estudo não pretende realizar um “estudo de gênero”, porém o estudo pretende poder chegar a situar o olhar no horizonte que as possibilidades corporais oferecem no sentido de localizar, no próprio objeto da análise, isto é, na sexualidade, a exploração que abre a perspectiva do olhar.

O campo de presença do objeto analisado assegura a sua percepção, no entanto, o nosso interesse recai no horizonte que, por trás desse objeto, assegura a sua presença.

O objeto de nossa análise, assim, constitui o espaço que a sexualidade ocupa no horizonte das possibilidades que o corpo humano outorga na construção da identidade pessoal. Uma vez que, como expressa Fagundez ,

Sexo relaciona-se ao biológico e gênero à elaboração cultural. Neste contexto, feminino e masculino são construções culturais aprendidas, que podem variar no tempo e no espaço. Além de não serem imutáveis, feminino e masculino, pelo contrário, são significados que estão em permanente construção (FAGUNDEZ 2005 p.11)

A determinação do sexo de um indivíduo acontece no momento da fecundação, quando um óvulo é fecundado por um espermatozóide.

O comando e coordenação de toda a atividade celular e transmissão das características hereditárias são feitos pelos cromossomas. Os cromossomas são estruturas filamentosas presentes no núcleo das células e que constituem os determinantes genéticos. Cada célula do corpo possui quarenta e seis cromossomas, e dois deles são os cromossomas sexuais. O óvulo sempre é portador de um cromossoma X enquanto que o espermatozóide pode ser portador de um cromossoma X ou Y definindo o sexo do futuro ser humano. Na união do óvulo com o espermatozóide, forma-se o zigoto e os seus cromossomas sexuais podem ser XX, capacitando o desenvolvimento embrionário de uma menina ou XY dando lugar à geração de um menino. Dessa forma, portanto, o cromossoma Y do espermatozóide determinará se o embrião deverá desenvolver testículos ou ovários.

Como se comprova a resolução biológica, assim, define-se o sexo do sujeito, porém não poderia definir a sua sexualidade, uma vez que ela não pode ser separada do contexto no qual o ser humano cresce e se desenvolve, inferindo-se que a orientação sexual, que guia a vida dos seres humanos, não está apenas relacionada a sua anatomia genital.

Nos seres humanos, o sexo é muito mais que isso, incluindo as características físicas, os aspectos psicológicos, éticos, culturais e morais, que determinam a identidade, ligada ao gênero, que cada sujeito elabora por meio da sua experiência de vida.

Na verdade, segundo alguns estudos podemos dizer que o ser humano apresenta quatro sexos:

01 - Sexo cromossômico: É aquele determinado no momento da fecundação, pela junção de um espermatozóide e um óvulo, através dos cromossomos sexuais x e y.

02 - Sexo gonádico: Pela influência dos cromossomos, o corpo forma a partir de uma dobra de tecido embrionário (crista genital) as gônadas, que inicialmente apresentam a forma de femininas. Se existir hormônio masculino (testosterona) estas gônadas se fundem e formam a genitália masculina. Na ausência deste hormônio os genitais mantêm a forma feminina.

03 - Sexo fenotípico: É o aspecto externo do indivíduo, resultante da ação hormonal que leva à formação da área genital. É completado na puberdade pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários.

04 - Sexo social: É como o indivíduo é criado, ou seja, é ação da sociedade, dos usos e costumes. É também conhecido por gênero (LIMA, 2007).

Os órgãos genitais preenchem apenas 5% da área total do corpo humano. No entanto, pela importância cultural a eles outorgada, ocupam o espaço de diversas relações entre os seres humanos, envolvendo e fundamentando as questões concernentes com a masculinidade e feminilidade.

Contudo, os dados biológicos não são suficientes para explicar, segundo a psicanálise, os comportamentos ligados às características masculinas e femininas

Freud sublinhou a variedade dos significados abrangidos pelos termos: “masculino” e “feminino”. Significado *biológico*, que refere o sujeito aos seus caracteres sexuais primários e secundários; Significado *sociológico*, variável segundo as funções reais e simbólicas atribuídas ao homem e à mulher na civilização considerada. Por fim, significado *psicossexual*, necessariamente implicado nos precedentes e especialmente no significado social (LAPLANCHE, 2000, p.273).

Dessa forma, quando fazemos referência às características “masculinas” e “femininas”, estamos falando sobre a construção das questões que culturalmente implicam o ser homem ou ser mulher. Fagundes entende a esse respeito que: “A identidade de gênero consiste, pois,.. no quanto a pessoa diz ou faz para indicar aos demais ou a si mesma o quanto é homem, mulher ou ambivalente” (FAGUNDES, 2005, p.10)

Ou seja, como é que ele resolve as questões referentes a sua forma particular de canalizar o desejo e que a psicanálise entende como os sinais ligados às primeiras vivências de satisfação.

### **Objetivo, Justificativa**

Constitui objetivo do presente trabalho o de poder chegar a compreender o significado que a sexualidade humana assume no espaço da identidade pessoal por meio do viés corporal. Essa preocupação justifica-se uma vez que o pesquisador fez do corpo humano, ao longo de trinta anos de exercício profissional, o veículo de interação terapêutico no qual, por meio da psicomotricidade, ele tem se instigado, sobre a importância que a definição sexualizada tem na construção da imagem corporal, isto é, na consideração do próprio corpo

como um objeto que ocupa, por meio da experiência psicomotora, um lugar privilegiado que cada sujeito reveste de significados e valores por meio da subjetivação do que para ele representa, nesse espaço, a sexualidade.

### **Material e métodos**

A análise crítica de alguns instrumentos metodológicos, que visam à compreensão das questões associadas à identidade, à sexualidade e ao espaço corporal, orientou o percurso metodológico do presente trabalho. Assim, foi realizada a revisão bibliográfica da literatura pertinente ao tema, permitindo o acesso às questões que circundam os conceitos ligados ao gênero e ao desenvolvimento humano, por meio das considerações da psicanálise. Concomitantemente, as considerações de Norbert Elias e de Maria Rita Kehl, em relação ao espaço que o corpo humano ocupa na questão socializada provocaram a análise sobre o viés da importância do corpo nessa relação do sujeito consigo e com o Outro, no espaço da cultura e da sociedade.

Poderíamos assim considerar três fases na elaboração do trabalho.

- 1) A da pré-análise, isto é, a da exploração do material pertinente, encontrado na revisão bibliográfica;
- 2) A de exploração do material selecionado, no sentido de poder explicitar o fenômeno da sexualidade, por meio das considerações da evolução sexuada do ser humano, dando ênfase, seguidamente, às considerações que a psicanálise tece em cima dos componentes instintuais e pulsionais;
- 3) Assim, numa terceira fase, por meio do exame e interpretação dos resultados, advindos da análise das mensagens, interposta pela psicanálise e pela biologia, chegou-se a perceber e compreender que a sexualidade humana não pode ser separada da relação corporal, que viabiliza a interação com o Outro.

### *Desenvolvimento e Psicanálise*

Segundo a Psicanálise, o desenvolvimento do ser humano, considerado por meio do viés instinto-pulsional, que estabelece as bases da identificação sexuada do sujeito, deve ser visto sob uma nova forma de entender ou perceber o aparelho psíquico, sob o ponto de vista dinâmico, econômico e tópico no qual se opõem as noções de consciente e inconsciente, através da consideração de três instâncias da personalidade, isto é, Id, Ego e Superego.

Segundo a Psicanálise, O Id constitui a camada mais arcaica ou antiga do complexo psíquico, podendo ser considerada reservatório original da energia psíquica ou dos instintos primários.

O Ego,

... pode ser identificado ao consciente ou ao potencialmente consciente, isto é, ao pré-consciente. A atividade do Ego é consciente, enquanto representa a percepção externa, a percepção interna e o processo intelectual, desempenhando um papel nos interesses, nos sentimentos morais e estéticos. Mas, deve-se admitir que a atividade do Ego pode ser pré-consciente, podendo ser trazida ao campo da consciência, em caso de necessidade, e pode ser também inconsciente, a partir das experiências e sentimentos que foram reprimidos, e, até certo ponto, dos seus mecanismos de defesa. ... O Ego, de fato, desempenha o papel de mediador entre o Id e o mundo exterior, entre o Id e o Superego (AJURIAGUERRA, 1985, p. 35).

O Superego caracteriza o espaço de introjeção das proibições que, no declínio do complexo de Édipo, a criança incorpora na imitação dos seus pais, quando renunciando à satisfação dos seus desejos, transforma a carga afetiva, que nutre por eles, na imitação das suas proibições e dos seus limites morais, dentre os quais poderíamos destacar os comportamentos unidos às manifestações sexuadas.

As influências formativas que o meio exerce sobre a criança geram inter-relações e intercâmbios, oportunizando novas e constantes experiências, pré-moldando o homem e a mulher que cada espaço social e cultural idealiza.

Freud considera que o desenvolvimento do ser humano segue a tendência de evolução da libido, ou a tendência de cunho afetivo que dirige a energia não mensurável das pulsões que orientam esse desenvolvimento.

Os estádios da evolução dessa força que exerce pressão, isto é, a libido, foi organizada, pela psicanálise, em decorrência da região do corpo que apresentava maior ou menor participação no processo de desenvolvimento.

O primeiro estágio descrito por Freud é o da fase Oral, isto é, momento quando a cavidade bucal torna-se predominante nos primeiros meses do desenvolvimento do bebê, uma vez que é pela boca que o ser humano percebe o mundo, nessa fase do seu desenvolvimento.

“A atividade de nutrição fornece as significações eletivas pelas quais se exprime e se organiza a relação de objeto” (LAPLANCHE, 2000, p.184).

O sugar constitui um espaço primário de erotização, pelo prazer que brinda a saciedade da fome, assumindo um papel de suma importância nas futuras relações do sujeito.

A fase oral corresponde ao prazer que sente a criança quando da excitação da cavidade bucal e dos lábios durante a alimentação. O prazer oral não está apenas ligado à função de nutrição, mas, também, a excitação da mucosa oral, que é um tecido erógeno. Se a finalidade inicial do erotismo oral é a excitação auto-erótica, mais tarde a meta torna-se a incorporação dos objetos. Quando se incorpora os objetos, há uma união entre eles. A introjeção oral é, ao mesmo tempo, o executivo da identificação primária. Pode-se descrever dois estádios na fase oral: um estágio precoce de sucção pré-ambivalente, durante o qual o indivíduo procura unicamente o prazer de sugar, e um outro que surge após o aparecimento dos dentes e cuja finalidade é a de morder o objeto.(K. Abraham). Este último estágio, chamado sádico-oral, corresponde a uma atividade de morder e devorar, que implica numa destruição do objeto (AJURIAGUERRA, 1985, p.39).

O sugar não constitui, assim, fenômeno apenas biológico. Sugar e morder, no intuito de poder engolir, abre margem ao nascimento da noção de “propriedade” daquilo que “eu devoro” e que, futuramente, representa ou é mencionado no espaço erótico como o dispositivo de posse de alguém ou de algo.

Porém, como a erotização ligada ao desejo de saciedade, deve ser entendida no âmbito das regras culturais que ordenam a vida, muitas das manifestações erotizadas, que esse complexo fenômeno oportuniza, devem ser recalcadas como forma “socializada” ou “civilizada” de poder existir.

As conseqüências de uma ação variam de acordo com as circunstâncias nas quais ela é praticada, e, sugar, além do valor que ele tem na alimentação, representa também uma forma sexuada de manifestar um desejo que, quando não satisfeito, desencadeia atitudes sublimadas, ou seja, qualquer atividade que não mantenha nenhuma relação “aparente” com a sexualidade, como citou Freud, porém, que como ele mesmo explicita, encontra seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. (FREUD, 1948, V.I ps.779/826-949/985)

Assim, a criança que suga o dedo ou o adolescente que suga sem nenhum propósito cultural determinado, deve sublimar suas atitudes espontâneas, por conta da repressão que esse comportamento veicula. Longo trabalho histórico diríamos de reprodução e de recriação de estruturas de dominação.

Mais tarde, esses comportamentos deverão ressurgir carregados de novas ou antigas significações, compondo o quadro referencial da sexualidade de cada sujeito, ligada, entre outras coisas, a essa vontade reprimida.

O segundo estágio poderia ser situado entre os dois e os quatro anos e é caracterizado pela organização da libido em torno da zona erógena anal.

A relação objetal aqui se centra nas questões relativas à defecação (expulsão-retenção) e ao valor simbólico dado às fezes, segundo a Psicanálise.

A fase sádico-anal ocorre aproximadamente entre o 2º e o 4º anos e se caracteriza por uma organização da libido à evacuação e à excitação da mucosa anal. As primeiras pulsões anais são naturalmente auto-eróticas, mas o prazer de eliminar como, mais tarde, o prazer de reter serão impregnados de significação ligada à função de defecação, expulsão-retenção e ao valor simbólico das fezes. K. Abraham distingue duas fases durante este estágio. Na primeira, o erotismo anal está ligado à evacuação, à pulsão sádica para a destruição do objeto. Na segunda, o erotismo anal está ligado à retenção e a pulsão sádica ao controle possessivo (AJURIAGUERRA 1985, p.39).

O significante relacionado a essa ação como também o significado de evacuar ou reter, sem lugar a dúvidas, compõem o campo perceptivo do sujeito em relação ao papel simbólico que essa parte ou região do seu corpo assume, ao longo do curso de vida.

Por um lado, o ânus representa mais um orifício corporal, porém, por outro lado, é por aí que o sujeito evacua ou coloca fora um elemento considerado “sujo”, que não pode ser

compartilhado, uma vez que ele representa algo a ser escondido e ao qual não se faz referência senão mediante o chiste ou a piada.

Segundo Freud o chiste se relaciona ao objeto, devendo ser considerado como tal todo o “feito” que em nosso mundo intelectual se oculta. (FREUD, 1948, V.I p.833)

Como tal, os desejos subjacentes, que essa ação-representação exerce sobre o inconsciente, passam a compor o referencial de diferentes formas de dominação ou submissão, tornando relevantes até certas questões de gênero. As revistas e a propaganda televisiva se utilizam dessa região do corpo para outorgar significados cômicos ou “divertidos” às posturas ambivalentes que alguns indivíduos assumem na vida, reforçando a construção sócio-política do gênero, como comenta Fagundes quando, com base nas idéias de Scott(1991) e de Bourdieu(1989) expressa que:

“...entendemos que o gênero é uma construção sociocultural e política que opera através de representações e estereótipos de feminilidade e de masculinidade, bem como de modos de ser ou *habitus* –femininos e masculinos – disposição para ser dominado e para dominar, somatizados através do processo educacional” (FAGUNDES, 2005, p.10,11)

Regionalização ou divisão do corpo que contém nuance preconceituosa ou estereotípica em relação ao masculino e ao feminino. A diferença de significados cria tensões e interferências na dinâmica emocional sexual inconsciente, cujo efeito de contaminação mórbida é tanto mais intenso quanto mais se guardam, ao seu redor, o silêncio, o segredo e a punição, diante dos comportamentos culturais impostos pelo processo civilizador (ELIAS, 1994).

A medida que avanzaba el proceso civilizatorio y el impulso sexual, al igual que otros muchos, había de someterse a una regulación y a una modificación más estricta: el problema se planteaba en términos distintos. Poco a poco va erigiéndose un muro relativamente espeso de secreto en torno a los adolescentes constituido por la coacción a la que se someten los adultos con el fin de relegar a la esfera íntima todos los impulsos, especialmente los sexuales; constituido asimismo por el “anatema del silencio”, por las limitaciones sociogenéticas del lenguaje, y por la estigmatización de la mayoría de las palabras que se refieran a la vida de los impulsos. Lo que hace tan difícil la destrucción de ese muro,

destrucción que algún día habrá de ser necesaria, es decir, en una palabra, lo que hace tan difícil la ilustración sexual, no es solamente la necesidad de incorporar a los adolescentes a las mismas pautas de regulación y represión de los impulsos que tienen los adultos. Lo difícil

reside, sobre todo, en la estructura psíquica de los propios adultos, a quienes resulta difícil hablar de estas cosas secretas (ELIAS, 1994, p. 220-221).<sup>19</sup>

Por meio da linguagem o objeto confuso, da pulsão reprimida, que a não completude do desejo viabilizou, uma vez que pelo que comentamos, seria impossível atender plenamente o gozo, transforma-se em objeto inconsciente. E, assim, a terceira fase de organização da libido, que acontece entre os três e os cinco anos, orienta-se no sentido da organização ou unificação das pulsões parciais sob a direção dos órgãos genitais.

Os órgãos genitais ordenam as pulsões parciais, ou seja, as manifestações difusas e parcialmente percebidas uma vez que, como explicita Laplanche,

Freud, baseando-se especialmente no estudo das perversões e das modalidades da sexualidade infantil, ataca a chamada concepção popular que atribui à pulsão uma meta e um objeto específico e a localiza nas excitações e no funcionamento do aparelho genital. Mostra, pelo contrário, como o objeto é variável, contingente, e como só é escolhido sob a sua forma definitiva em função das vicissitudes da história do sujeito. Mostra ainda como as metas são múltiplas, parcelares...e estreitamente dependentes de fontes somáticas; estas são igualmente múltiplas e suscetíveis de assumirem e conservarem para o sujeito uma função predominante (zonas erógenas), pois que as pulsões parciais só se subordinam à zona genital e só se integram na realização do coito ao termo de uma evolução complexa que a maturidade biológica não é suficiente para garantir. (LAPLANCHE, 2000, p. 395)

Dessa forma, esta terceira fase, de organização da personalidade ou de construção da identidade, passa a ser reconhecida como fase genital, apresentando dois momentos diferentes de organização.

---

<sup>19</sup> À medida que avança o processo civilizador e o impulso sexual, igual a muitos outros, tinha que se submeter a uma regulação e a uma modificação mais estrita: o problema se colocava em termos diferentes. Pouco a pouco vai erguendo-se um muro relativamente espesso de segredo em torno aos adolescentes constituído pela coação a que se submetem os adultos com a finalidade de relegar a esfera íntima todos os impulsos, especialmente os sexuais; constituído assim mesmo pelo “anátoma do silêncio”, pelas limitações sócio-genéticas da linguagem e pela estigmatização da maioria das palavras que se referem à vida dos impulsos. O que faz tão difícil a destruição desse muro, destruição que algum dia poderá ser necessária, isto é, em uma palavra, o que faz tão difícil a ilustração sexual, não é apenas a necessidade de incorporar aos adolescentes as mesmas pautas de regras de regulação e repressão dos impulsos que têm os adultos. O difícil reside, sobretudo, na estrutura psíquica dos próprios adultos, a quem é difícil falar destas coisas secretas (ELIAS, 1994, p. 220-221).

O primeiro momento, conhecido também como fase ou período de latência, é aquele relacionado à questão fálica ou de reconhecimento da sexualidade individual por meio da relação com a sexualidade dos outros.

O segundo momento, que desponta na adolescência, está relacionado à organização genital propriamente dita, ou seja, ao espaço relacionado com a determinação do objeto sexual que, como comentado por Laplanche, solidifica as diferentes experiências que, em relação à sua sexualidade, o indivíduo acumulou ao longo desse espaço de vida.

No entanto, estes dois momentos não podem ser separados um do outro, uma vez que eles constituem apenas aspectos diferentes de um todo indivisível em torno da construção do espaço da sexualidade que o desejo impulsiona e que se amplia no viés da identidade de cada sujeito.

O desejo, entendemos assim, representa um impulso que, partindo da recordação de uma experiência ligada a uma determinada satisfação, percorre um caminho na cadeia significativa até encontrar um objeto que viabilize ou materialize essa satisfação e que nunca é idêntico ao objeto perdido, e sim equivalente (FREUD apud KEHL, 2003, p.250). Associado ao interior privado, de cada sujeito, o desejo permite a corporização do imaginado e/ou idealizado mediante a materialização das ações ligadas ao sexo que, paulatinamente, organizam também a sexualidade de cada ser humano.

As experiências que orientam o alívio das fontes que geram tensão são guiadas pela influência restritiva do controle ou por forças facilitadoras que liberam essa tensão.

Assim, esta explicitação sucinta sobre as fases de evolução da libido permite compreender que a organização morfofuncional, base da sexualidade, não poderia ser abarcada fora da relação com um determinado objeto afetivo que, por meio da perspectiva de identificação do indivíduo consigo e com outros indivíduos, relaciona o instinto à pulsão e, concomitantemente ao prazer.

Possibilidade que o sujeito assume controlando ou facilitando o nível das experiências sexuais que o gozo viabiliza.

Indubitavelmente, também, a morfofuncionalidade não pode ser separada do espaço social e cultural no qual a sexualidade toma forma, uma vez que o material instintivo constitui a matéria bruta que as influências sociais modelam em torno do corpo do sujeito.

É a experiência, isto é, as condições sociais, que transformam as potencialidades em realidade, que forma a estrutura mental real do homem, canalizando as exigências instintivas, dirigindo-as em determinadas direções, favorecendo algumas dentre elas e bloqueando outras, e mesmo dirigindo uma parte delas contra outras. (AJURIAGUERRA, 1985, p. 364).

Significados pessoais, construídos em torno de significantes sociais e culturais que em determinado momento histórico, salientaram e salientam o que se percebeu e percebe-se em relação à masculinidade, a feminilidade e a outras formas de masculinidade e de feminilidade, que alguns movimentos em prol da liberdade de expressão sexual defendem.

### **Corpo e Sexualidade**

Todos os seres humanos realizam movimentos estruturalmente semelhantes, quando efetuam atividades que permitem a sua interação com os seres com os quais se relacionam. Isto é, eles operacionalizam as experiências psicomotoras, que facultam sua vida, integralizando a ação das diferentes partes do seu corpo por meio do movimento.

Dessa forma, movimentando-se, ou seja, sendo no mundo, o ser humano capacita seu corpo através da satisfação ou da insatisfação que a execução motora permite.

A referência corpórea, que a ação motora viabiliza, desenvolve-se através da relação orgânico-emocional do agir e do sentir por meio das possibilidades que essa relação emocional propicia.

Longo processo de desenvolvimento psicomotor, que vai das reações impulsivas puras à representação do vivido.

Porém, cabe ressaltar que o corpo, “além de uma possibilidade biológica através dos movimentos, constitui-se numa unidade política em torno do grau de autodomínio ou de dependência da sua unidade em movimento. Na realidade, o corpo na sociedade de consumo é o meio através do qual a própria sociedade olha-se, experimenta-se, atua, criando laços de domínio ou de dependência na apresentação sistemática de normas . . .” (RAVAGNI, 1988, p.29)

O conhecimento e o domínio que o ser humano tem do seu corpo são conseqüentes em relação ao grau de domínio que ele tem das suas relações sociais e culturais, como explicita Maria Rita Kehl.

Ao contrário da concepção de corpo como propriedade privada de cada um, afirmo que nosso corpo nos pertence muito menos do que costumamos imaginar. Ele pertence ao universo simbólico que habitamos, pertence ao Outro; o corpo é formado pela linguagem e depende do lugar social que lhe é atribuído para se constituir (KEHL, 2003, p.243).

Fica explícito, segundo os comentários dessa autora, que os corpos não existem fora da linguagem, isto é, das pré-condições que determinam o que é, por exemplo, ser homem ou mulher. E, assim, devemos compreender que a sexualidade encontra-se, de certa forma, moldada nesses padrões que organizam os corpos, modelando os alicerces do conformismo e delimitando, em parte, a identificação do sujeito com as suas orientações instintuais.

Os corpos ostentam uma identidade “copiada” ou moldada culturalmente, erotizados por meio da reprodução dos modelos que a publicidade e a televisão, entre alguns meios, multiplicam no inconsciente coletivo.

Assim, as etapas da evolução da libido, sucintamente descritas anteriormente, diluem-se ou reafirmam-se em relação ao que do corpo é dito ou falado.

Reforça essa idéia o comentário de Fagundes (2005,p.13) quando admite que, “Diferenciando-se de uns e igualando-se a outros, homens e mulheres vão construindo suas identidades”.

O corpo modifica-se, em relação ao que dele se diz, e isto cria outra relação do ser com seu corpo, de acordo a percepção que ele elabora dentro de um corpo “socialmente sexuado”.

Nossos corpos não são independentes da rede discursiva em que estamos inseridos, como não são independentes da rede de trocas- trocas de olhares, de toques, de palavras e de substâncias – que estabelecemos (KEHL, 2003, p. 246).

Rede discursiva infinita e necessária à vida em sociedade, uma vez que a relação pessoal-existencial do ser humano com seu corpo, na maioria das vezes, coloca-se de lado na tentativa de apropriação do lugar social, onde pode exercer um papel corporal determinado.

“Dessa forma, não há significado do realizado ou vivenciado corporalmente e o significante da ação do “meu corpo”, torna-se coisa.” (RAVAGNI, 1988, p.40)

Longo percurso que o saber da mãe, em relação às necessidades corporais da criança, pré-forma quando dá assistência ao bebê.

Os cuidados corporais elementares, além de erotizar o corpo da criança, vinculando-o ao desejo da mãe e proporcionando as primeiras experiências de prazer e desprazer, incluem o corpo no circuito da linguagem, das práticas culturais, da organização do tempo, das primeiras interdições e das primeiras demandas (KEHL, 2003, p.249).

A relação pulsional organiza-se, assim, por meio dessa interação de corpos – o da mãe ou seu substituto e o da criança.

Relação que, no atendimento às necessidades biológicas primárias, transforma-se em amor, por meio da interação afetiva, dando sentido significativo a esse encontro, moldando também, de certa forma, a identidade da criança.

É a linguagem, isto é, a participação da mãe dando “sentido verbal”, às ações da criança, que organiza as pulsões dividindo-as em pulsões parciais – em torno de objetos também parciais – tais como: o seio, as fezes, a voz, o olhar, ou em torno das diferentes regiões do corpo que oferecem a possibilidade de prazer.

Estes são justamente objetos de contato com o Outro, que circulam pelas aberturas do corpo – boca, ânus, ouvidos, olhos – e as erotizam. A pulsão é relacional: é *entre* os corpos que ela circula, e essa circulação é fundamental para organizar o corpo infantil. Freud observa que a pulsão, justamente pela falta de um objeto natural que a satisfaça por completo, é extremamente plástica (KEHL 2003, p.249).

A plasticidade corporal, sem temor a dúvidas, outorga diferentes possibilidades à satisfação pulsional, de acordo com as oportunidades que a cultura oferece ou as interdições que ela operacionaliza no intuito de organizar o espaço da sexualidade.

Segundo Kehl (2003), cada realidade cultural produz o corpo que lhe convém, produzindo também, os sintomas que dão conta do resto pulsional que não foi atendido.

Mas, antes da linguagem falada fazer sua entrada em nossas vidas, o Outro já estava lá, encarnado no corpo de um semelhante, a mãe ou seu substituto, capaz de conferir sentido às sensações caóticas experimentadas pela criança e organizar seu campo pulsional (KEHL, 2003, p. 248-249).

Assim, organiza-se o circuito pulsional, por meio do encontro corporal, o da mãe ou seu substituto, e o do filho ou filha, determinando as relações de gênero. A forma de inter-relações que a pulsão interpõe entre esses corpos emana como força que aproxima o biológico do psíquico, determinando as formas de se interligar, precocemente, ao significado de ser um ser humano sexuado.

Fatos que, determinados pelas circunstancialidades sócio-culturais que cercam a cada ser humano, sustentam a imagem que o sujeito faz de si e brinda aos outros por meio de relações de índole sócio-biológicas que, no entanto, como comenta ainda Kehl (2003), se é verdade que o instinto poderia representar, como no animal, a procura de satisfação que brinda a adaptação do corpo ao meio, a pulsão deve ser reprimida ou sublimada, por conta das imposições culturais.

“A plasticidade da pulsão é o que permite que a satisfação pulsional varie de acordo com as possibilidades que a cultura oferece e as interdições que cobra dos sujeitos” (KEHL, 2003, p. 249).

Para Freud o corpo constitui um conjunto de zonas erógenas, ou seja, o lugar de manifestações sexuais que se ordenam em torno dos orifícios do corpo e que, como

comentamos anteriormente, se organizam em torno das regiões: oral, anal, genital.(FREUD, 1948)

Dessa forma, cada indivíduo, privilegiando esta ou aquela região do seu corpo, em relação com a sua experiência de vida, desenha sua sensibilidade sexual e a imagem do seu corpo que, necessariamente, reafirma a sua identidade.

O ser humano é consigo e com os outros seres no mundo por meio do seu corpo, uma vez que em relação com a imagem que a existência pessoal lhe brinda, ele recupera os aprioris da sua essência, isto é, ser um ser humano sexuado de acordo com seus próprios interesses, no espaço da sua genuína identidade.

***Corpo, sexualidade e identidade conformam assim, o espaço existencial no qual cada ser humano, operacionaliza seus desejos.***

### **Considerações finais**

Após caminhar na procura da compreensão da relação qualitativa que une a constituição biológica ao espaço psicoemocional, no viés da progressão da identidade pessoal, entendemos que a complexidade do assunto nos coloca diante de um ilimitado número de perspectivas dentre as quais o corpo desponta como uma propriedade dessa interação, identidade-sexualidade. A peculiaridade de poder sentir-se dono do seu corpo brinda a possibilidade de construção da identidade pessoal. Singular propriedade humana de ser no seu corpo que motiva as indagações sobre a sexualidade, revestindo-a de valores e significados próprios a cada indivíduo, no soslaio da questão socializada. Dessa forma, o discurso, o que é dito sobre o sexo, escapa inevitavelmente a neutralidade de qualquer apreciação biologizante ou sócio-cultural isolada.

Conclui-se, assim, compreendendo que a sexualidade e a identidade formam parte de um todo indivisível no qual a experiência corporal apresenta-se como viés articulador desse percurso no qual, sem a participação do Outro, as diversas formas de poder vivenciar as particularidades masculinas e femininas não poderiam ser reconhecidas.

## Referências

- AJURIAGUERRA, J. *Manual de psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1985.
- ELIAS, N. *El proceso de la civilización*. Investigaciones sociogenéticas psicogenéticas. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994.
- FAGUNDES, Tereza Cristina, *Ensaio sobre Educação Sexualidade e Gênero*, Salvador, Editora HELVÉCIA, 2005
- FRANCO, Maria Laura. *Análise do Conteúdo*. Brasília: Liber Livro, Série Pesquisa, 2005.
- FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.
- FREUD, S. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2,1948.
- FREUD, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Editions Gallimard, 1962.
- HEIDEGGER, M. *Todos nós ... ninguém*. São Paulo: Moraes Ltda, 1981.
- KEHL, Maria Rita. As máquinas falantes. In: NOVAES, Adauto (Org). *O homem-máquina*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MANNONI, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. 18. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- MORIN, Edgar: *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*, São Paulo, Cortez, 2000
- LIMA, T. *Sexo e sexualidade*, disponível na Internet: <http://www.toninholima.com.br/sexualidade/sep2.htm>. Acesso em: 20 abr. 2007.
- RAVAGNI, E. *Desvelando o corpo humano*. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1988.
- SCHINITMAN, Dora, F., *Nuevos Paradigmas, Cultura y Subjetividad*; Buenos Aires, Argentina; Piados, 1985
- SPITZ, R. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Pena, 1988.
- WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Persona, 1981.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após caminhar na procura da compreensão da sexualidade humana, comprovamos que a complexidade do tema transpõe o que dela é dito ou percebido uma vez que as formas diversas de apresentação que esse fenômeno permite, se associam a forma de existir do ser humano, concretizando-se por meio de atos de vida.

Assim, na singularidade existencial de ser no mundo, cada pessoa expressa a sua sexualidade mediante as possibilidades que a unidade psicomotora oferece ou propicia.

“A sexualidade é elemento constitutivo da pessoa, é dimensão e expressão da personalidade. Por ser um atributo inerente à pessoa humana, manifesta-se independente de qualquer ensinamento. Mas, para ser compreendida, é preciso considerar o ser pessoa como um todo, pois a sexualidade é parte integrante e intercomunicante da pessoa consigo mesma e com o outro.” (FAGUNDES, 2005, p.14)

Reflexão que destaca a importância da consideração unitária da pessoa interligando-a a diversos componentes que, ao longo do processo do desenvolvimento psicomotor, permitem interligar o sujeito a si mesmo e ao Outro no escopo da afetividade.

Eis quando despontam as formas imaginárias de poder existir num corpo sexualmente idealizado e questionado pelo sujeito. Quem sou, como sou, como sinto ou gozo a vida, são algumas das questões que colam as formações imaginárias que organizam-se em torno do *eu* narcísico, isto é, das identificações e das demandas de amor e reconhecimento. (KEHL, 2002, p.25)

Formações imaginárias nas quais se apoia a sexualidade no intuito de poder brindar a possibilidade de conformação da imagem de si, que cada sujeito elabora ao longo do percurso de vida.

E, como não poderia ser de outra maneira, a indagação sobre a sexualidade humana, neste trabalho, originou-se da própria inquietação e questionamentos do próprio pesquisador, tentando encontrar respostas mais consistentes e sólidas na compreensão do fenômeno da sexualidade. Isso, de modo a buscar elucidar os diferentes componentes que guiam o percurso de vida do ser humano e que interligam o espaço pessoal ao espaço social, na determinação da identificação sexuada de cada um.

Dessa forma, compreendendo que a dimensão biológica não era suficiente para explicitar esse fenômeno se fez necessário apelar ao viés da afetividade, como elemento integrador nessa evolução, dando sentido à experiência pessoal que, indubitavelmente, associa o ser humano a uma determinada escolha sexual.

Momento em que a linguagem, ou o que é possível expressar socialmente sobre a sexualidade, apontou outra forma de poder analisar a complexidade dos fatos, ligados ao espaço sexuado e que, entendemos, ao longo do percurso histórico, delinearam mitos, crenças e obrigações morais e éticas em relação aos comportamentos que a autocoação e a própria coação ordenaram e ordenam no tocante aos relacionamentos sexuais.

“Essa reflexão destaca a importância do discurso, tanto para dar significado às experiências vividas no campo da sexualidade, quanto para aliviar as tensões nascidas da busca pela completude que jamais se realiza totalmente”. (FAGUNDES, 2005, p.15)

O corpo humano sexuado, sede do instinto e das pulsões, alongou a reflexão no sentido de fazer-nos compreender que dentro dessa peculiaridade humana, a de existir no seu corpo, cada pessoa é singularmente diferente das demais entidades no mundo, porque vive no universo das suas experiências, isto é, na demarcação da sua história pessoal. No entanto, ela é objetivamente igual a outras pessoas, de acordo com um vocabulário objetivo ou pré-determinante do que é ser semelhante a outros seres humanos.

Dessa forma, compreendendo que os componentes biológicos asseguram a semelhança, na diferença, conseguimos perceber que o corpo sexuado deve ser considerado “matriz na qual se imprimem marcas indelévels, como os órgãos associados à reprodução e os caracteres sexuais secundários.” (FAGUNDES, 2005, p.16) O que se reafirma, ainda, quando Fagundes expressa que, “Neste campo se incluem desde um possível determinante genético para certas características do comportamento sexual, até a complexa fisiologia sistêmica de corpos masculinos e femininos dependentes de arranjos anatômicos funcionais e regulados por fatores neuro-endócrinos”. (opus.cit. p.16)

Assim sendo, a sexualidade define-se mediante as peculiaridades corporais de cada sujeito que, muitas vezes, não se enquadram nas características morfo-anatômicas e fisiológicas consideradas normais, nem dentro do determinismo biológico.

As deficiências, por exemplo, não limitam o gozo e, muitas vezes, ao contrário do que se pensa, devemos compreender que os preconceitos são sustentados por mitos ou idéias falsas, que não correspondente com a realidade. Preconceitos transmitidos, de um ser humano a outro, sem serem percebidos, como se fossem naturais.

Cabe assim ressaltar que a sexualidade se objetiva na corporeidade, ou seja, na inter-relação - psico-motora - por meio das relações que o ser humano interpõe através de diferentes experiências.

A experiência e a base do conhecimento e a maneira, o modo, mediante o qual a pessoa é consigo e com os outros seres no mundo, através de diferentes acontecimentos, confirma a sua existência. Isso na medida em que o corpo humano, retomando o explicitado anteriormente, constitui uma totalidade ativa, aberta, sexuada que, por meio da singularidade de cada pessoa, sintetiza a união solidária que deve existir entre os componentes biológicos, psicológicos, religiosos, étnicos, socioeconômicos e culturais, na determinação da sexualidade de cada um, dentro de um determinado espaço subjetivo.

Para assegurar esta teia inter-relacionando os três discursos, que conduziram nosso percurso, ou seja, o desenvolvimento humano, a afetividade e a identidade corporal, buscaram-se subsídios metodológicos na análise crítica desses discursos por meio de pesquisa qualitativa. Compreendendo que, como opina Bicudo e Martins, (MARTINS 1989) “Em vez de dizer-se *pesquisa qualitativa* talvez fosse melhor dizer *análise qualitativa* na pesquisa, entendida como uma forma de trabalho metodológico das Ciências Humanas. Na atividade de pesquisa desenvolvida por essas ciências, o recurso básico e inicial utilizado é a descrição” (MARTINS, 1989, p.41)

Em pesquisa qualitativa, como falávamos no capítulo referente a Material e Métodos, a descrição não se fundamenta em idealizações, imaginações nem desejos, uma vez que a não sistematização de procedimentos, como também já expressamos, é substituída pela progressão de passos ou momentos que levam a generalização sem entrar no meio da questão dedutiva que deve ser excluída, de qualquer procedimento de análise qualitativa.

Pelo exposto, compreendemos assim, que o discurso, o que é dito sobre a sexualidade humana, escapa inevitavelmente à neutralidade de qualquer tratamento científico quantitativo.

A sexualidade resulta da integração do conjunto de componentes biopsicológicos, históricos e socioculturais. (FAGUNDES, 2005, p.18)

Dessa forma e apoiando-nos nas considerações que algumas concepções metodológicas explicitam em torno a sexualidade humana considerando que ela constitui uma atividade que pode ser olhada por meio do processo de desenvolvimento que ordena a vida do ser humano, como também por meio das variadas formas de interação que se estabelecem em relação com esse processo, elaboramos um primeiro estudo sobre: ***Os conceitos de Henri Wallon, Jean Piaget e Sigmund Freud, em relação à Ciência do Desenvolvimento Humano e sua co-relação na evolução da sexualidade.***

Porém, como certamente, na experiência de ser dono da sua sexualidade, o ser humano encontra as razões do expressado pela ciência e o vivenciado por ele ao longo desse percurso de desenvolvimento pessoal, ou seja, existindo no viés do seu espaço psicomotor, o Outro despontou como elemento integrador do ambiente no qual, por meio da afetividade, o processo interliga o sujeito as regras socioculturais acordadas ao longo do percurso civilizador.

Assim, a análise dos componentes socioculturais e biológicos, que ligam o sujeito ao ambiente, ao longo do processo civilizador, que condicionou diversas formas de olhar a atividade sexual, ligado-a a uma “suposta” identidade sexual, socialmente estabelecida, deu margem a elaboração de um segundo estudo referente às questões que circundam a relação que se estabelece entre: ***Afetividade, Sexualidade e o Percurso Civilizador.***

No entanto, mesmo podendo ser considerada semelhante em todos os indivíduos, em relação a esses princípios norteadores que a vivência de certas pautas sociais determinam, a sexualidade apresenta uma notável complexidade em relação à corporeidade de cada sujeito. Tal complexidade exige uma compreensão mais ampla na consideração que cada ser humano faz de si e dos outros no tocante as possibilidades que a ***Identidade, Sexualidade, no Viés Corporal,*** organizam como estilo de vida.

Compreendemos assim, mediante as probabilidades que esses três estudos possibilitam que, no curso de vida, a esfera intelectual, a vida afetiva e a atividade corporal, não se separam jamais, evoluindo de forma progressiva e indissociável no espaço da identidade que cada sujeito forja ao longo do curso de vida.

Dessa forma, percebida pelo sujeito, a sexualidade mostra seus mecanismos e os seus caracteres de unidade e de complexidade que constituem a sua organização.

Todos os seres humanos fazem ou se comportam de forma semelhante, porém não igual, em relação aos determinantes biológicos, no entanto, cada ser humano o faz a sua maneira.

Sexualidade e identidade formam parte de um todo indivisível, onde a experiência corporal apresenta-se como o viés articulador de um espaço no qual a presença do Outro, constitui o pivô de inúmeras experiências, que determinam as questões de gênero que estipulam, no espaço subjetivo de cada sujeito o que representa ser homem ou mulher.

Finalmente, o estudo sugere, em síntese, que a peculiaridade de poder sentir-se dono do corpo brinda, ao sujeito, a possibilidade da sua identidade sexuada na consideração do próprio corpo como um objeto que ocupa, em sua experiência, um lugar privilegiado, revestido de valores em relação a um Ideal de Ego por ele subjetivado. Assim, por meio da análise crítica das mensagens contidas nos diversos discursos analisados nos três estudos anteriormente citados, são sugeridas aproximações e desvelamentos no sentido da sexualidade humana, respondendo, parcialmente em relação com a abrangência do fenômeno, ao questionar que delineou nosso percurso, isto é,

### ***O que é a sexualidade humana?***

Este percurso, no entanto, não se encerra aqui, uma vez que vislumbra possibilitar o caminhar em busca de novas e variadas interrogações em torno do fenômeno da Sexualidade Humana. Com efeito, o estudo abre perspectivas de interrogações no campo da interconexão do desenvolvimento humano, afetividade e identidade corporal, na construção do espaço da Sexualidade Humana.

***“Com seus altos e baixos, imagine nossa vida como uma breve passagem por um circuito de montanhas-russas. Quem atravessasse a experiência anestesiado, sem gritos, pavores***

*e risos, teria jogado fora o dinheiro do bilhete. Tenho a ambição, ao contrário, de ajudar meus pacientes a viver de forma que, chegando ao fim, eles possam dizer-se que a corrida foi boa”.* (Callegaris, 2004, p.153)

Considerações finais que materializam também, a pretensão do pesquisador, isto é, a de poder desvelar, por meio do desafio terapêutico, o viés integrador da relação que ele estabelece com seus pacientes, permitindo o desabrochar da identidade sexuada de cada sujeito.

*Obrigado, mais uma vez Senhor, pela oportunidade de poder existir no espaço desafiador das Ciências da Saúde!*

## BIBLIOGRAFIA

AJURIAGUERRA, J. *Manual de psiquiatria infantil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1985.

AZEVEDO, Mario. *Notas sobre a teoria de Jean Piaget*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Educação, 1994.

BERNARD, Michel, *Le Corps*, Paris, France, Éditions Universitaires, 1972.

CALLIGARIS, Contardo, *Cartas a um jovem terapeuta, reflexos para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*, Rio de Janeiro, Alegro, 2004.

CHAUÍ, M. *Repressão sexual essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DEMO, Pedro, Anotações de aulas da disciplina “Método”, Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, 2005.

DESSEN, M. A., COSTA, J., ANDERSON, L. *A ciência do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ELIAS, N. *El proceso de la civilización: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

FAGUNDES, Tereza, *Ensaio sobre Educação Sexualidade e Gênero*, Salvador, Editora Helvécia, 2005

FENICHEL, O. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.

FRANCO, Maria Laura. *Análise do Conteúdo*. Brasília: Liber Livro, Série Pesquisa, 2005.

FREUD, S. *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2,1948.

FREUD, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris: Editions Gallimard, 1962.

HEIDEGGER, M. *Todos nós ... ninguém*. São Paulo: Moraes Ltda, 1981.

----- *L'être et le temps*, Paris, France, Editions Gallimard, 1972.

ISNARDI, M. *La lucha por ser hombre*. Montevideo: Imprenta Letras, 1970.

KEHL, Maria Rita. As máquinas falantes. In: NOVAES, Adauto (Org). *O homem-máquina*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIMA, T. *Sexo e sexualidade*, disponível na Internet: <http://www.toninholima.com.br/sexualidade/sep2.htm>. Acesso em: 20 abr. 2007.

MANNONI, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. 18. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

MARTINS, Joel, e Bicudo, Maria. Aparecida, *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia, Fundamentos e Recursos Básicos*, São Paulo, Editora Moraes, 1989.

PIAGET, J. *La psychologie de l'intelligence*. Paris: Armand Colin, 1972.

\_\_\_\_\_. *Biologia e conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1973.

*A Construção do Real na Criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

*A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

*A Situação das Ciências do Homem no Sistema das Ciências*. Trad. Isabel Cardigos dos Reis. Amadora: Bertrand, Vol. I, 1970.

*Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

*Biologia e Conhecimento*. Trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.

*Conversando com Jean Piaget*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

*Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente*. São Paulo: Pioneira, 1976.

*Gênese das Estruturas Lógicas Elementares*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

*O Nascimento da Inteligência na Criança*. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

*O Raciocínio na Criança*. Trad. Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1967.

PIRET, S., BEZIERS, M., *La Coordination Motrice, aspect mécanique de l'organisation psycho-motrice de l'homme*, Paris, France, Masson, 1971.

RAVAGNI, E. *Desvelando o corpo humano*. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 1988.

*Desenvolvimento e Psicanálise*, Revista : Atualização Brasileira de Fisioterapia, Ano VII, Vol.VII, No..02 Abr/Maio/Jun, 1990

*Afetividade: Pressuposto de uma Educação de Qualidade*, Revista Integração, Ministério da Educação e do Desporto, Ano 5 – Nº 12 1994

SCHINITMAN, Dora, F., *Nuevos Paradigmas, Cultura y Subjetividad*; Buenos Aires, Argentina; Piados, 1985

SPITZ, René, *O Primeiro Ano de Vida*, Trad. Erothildes Millan Barbosa da Rocha, São Paulo, Martins Fontes, 1988

VARELA, F. THOMPSON, E., *L' Inscription Corporelle De L' Esprit, Scienciens cognitives et expérience humaine*, Paris, France, Editions Du Seuil, 1989.

WALLON, H. *Los estadios en la psicologia del niño*. Argentina: Lautaro, 1965.

\_\_\_\_\_. *L'évolution psychologique de l'enfant*. Paris: Armand Colin, 1974.

\_\_\_\_\_. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Persona, 1981.

\_\_\_\_\_. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1989.

*De l'acte à la pensée*, Flammarion, Paris, 1942

*Les origines de la pensée chez l'enfant*, PUF, Paris, 1945, reed. 1963